

# “NÃO VOS CONFORMEIS COM ESTE MUNDO”

Rm 12, 2

caderno de temas 2015



# ÍNDICE

APRESENTAÇÃO.....	4
JANEIRO	
As Comunidades dos Primeiros Cristãos.....	6
FEVEREIRO	
O Desejo de Deus.....	12
MARÇO	
Algreja.....	18
ABRIL	
O Significado da Iniciação Cristã.....	25
MAIO	
Fátima.....	31
JUNHO	
Redenção.....	38
JULHO	
Balanço.....	45
SETEMBRO	
AVida Consagrada.....	48
OUTUBRO	
Família e Vida Matrimonial.....	54
NOVEMBRO	
As Virtudes Teológicas.....	60
DEZEMBRO	
Vocação Universal para o Amor.....	66

# APRESENTAÇÃO

Queridos Equipistas,

No ano de 2015, queremos responder ao “*Quo Vadis*”, o nosso tema do ano passado! Para onde é que nós vamos? Aonde é que Deus nos chama a ir, a fazer, a estar no mundo em que vivemos? O que é que, na nossa vida, no nosso mundo, é essencial? O que é, verdadeiramente, ser-se cristão? Para isso, temos de voltar à origem, voltar ao essencial, voltar a Cristo!

Este ano propomos que as Equipas façam um caminho circular a acabar onde começam: na necessidade de sermos **corajosos neste caminho de Santidade**, na necessidade de sabermos que **Cristo é o centro das nossas vidas** e na necessidade de sabermos qual é exactamente a **proposta transformadora da Igreja para cada um de nós**.

Começamos com o princípio da história da Igreja, com as **comunidades dos primeiros Cristãos** e com os seus maiores desafios. Temos tanto em comum com essas comunidades e ao mesmo tempo somos chamados a ser como elas.

Segue-se um caminho de compreender o **desejo de cada um dos nossos corações de se encontrar com Cristo**; e estudamos também o reflexo da resposta de Deus a este desejo, **a Igreja** e **os Sacramentos**.

Pelo caminho fazemos, ao mesmo tempo, uma paragem no estudo dos Sacramentos e uma rampa de lançamento para os Sacramentos que faltam. Propomos que se estude **Fátima** e a Mensagem de Fátima em Maio. Como portugueses, não podemos não saber o que aconteceu em Fátima em 1916/1917, especialmente porque o centenário das aparições se está a aproximar!

Retomando os Sacramentos, estudamos a resposta de Deus ao pecado do Homem: **a redenção**. Para que nunca nos esqueçamos que onde abundou o pecado, superabundou a graça.

Na segunda metade do ano, depois de experimentarmos a redenção e a misericórdia de Deus, começamos uma caminhada em que tentamos dar resposta a esta redenção, através da nossa vocação. Olhamos para **as(os) consagradas(os)** e para **as famílias**, em pleno ano da vida consagrada e em pleno sínodo dos Bispos.

Acabamos o ano a olhar para uma vocação mais transversal a toda a Humanidade. Em Novembro, propomos que se estudem **as Virtudes Teológicas** (Fé, Esperança e Caridade) como algo a que todos somos chamados. E em Dezembro, reflectimos sobre o convite que nos é feito, olhando para ele como uma missão: **a vocação universal para o Amor.**

A resposta que damos a este convite tem tudo a ver com a fé da Igreja. Concluímos então como começámos, na necessidade de sermos corajosos, de voltarmos a Cristo e de sermos verdadeiramente parte de uma Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica.

Este não é um caminho fácil. É muito exigente e por isso vos pedimos que vivam dessa forma as reuniões de Equipa. Propomos que os temas sejam previamente preparados e que não se fiquem pelos temas. Aquilo que aqui vos deixamos é apenas a base para chegar mais longe nos vossos debates e no aprofundamento de temas tão importantes para a nossa fé.

Porque a Igreja é feita de testemunhos vivos, concretos e actuais, o Caderno de Temas foi construído pelas mãos de pessoas com diferentes vivências espirituais, com o objectivo de podermos aprender e beneficiar da diversidade de experiências na Igreja. Neste sentido, cada Tema deverá ser olhado e compreendido, de acordo com o seu próprio carisma.

Sejamos mais corajosos no nosso dia-a-dia enquanto Cristãos que somos, não sejamos mornos e sejamos mais activos no mundo!

O vosso secretariado deseja-vos um óptimo ano de aprofundamento da fé e de aproximação Àquele que nos une!

**Secretariado Nacional 2013/2015**



**“AS COMUNIDADES  
DOS PRIMEIROS CRISTÃOS”**

JANEIRO

## AS COMUNIDADES DOS PRIMEIROS CRISTÃOS

“É preciso regressar às fontes! É o melhor é que o podemos fazer.” Este era o grito de guerra que se ouvia na Igreja, entre o fim do século XIX e o princípio do século XX. As novas pesquisas arqueológicas, as novas técnicas de estudo dos textos antigos e uma grande revolução na maneira de pensar a história deram à sociedade de então grandes ferramentas para que ela própria se redescobrisse à luz das suas origens. A Igreja não foi excepção. É nesses anos que têm raízes os grandes movimentos que marcaram a renovação da teologia e da vida da Igreja, um pensamento global que se consolidaria – e se corrigiria de alguns excessos – no Concílio Vaticano II. O movimento bíblico, por exemplo, procurou perceber o impacto da mensagem bíblica no tempo em que ela foi lida pela primeira vez; o movimento litúrgico, por seu lado, pôde enriquecer a liturgia e toda a oração da Igreja com a arte de celebrar dos primeiros séculos. E isto graças a esse ‘regresso às fontes’ que se tornava possível.

Mas, podemos perguntar, o que é que isso interessa para um cristão de hoje? O que é que tem a ver comigo? Interessa principalmente porque o que descobrimos sobre a vida dos cristãos de então testemunha-nos aquilo que, desde o princípio, é o essencial da fé cristã. De facto, conhecer o cristianismo primitivo ajuda-nos – e muito – a perceber o modo de viver de que não podemos abdicar se queremos ser cristãos. Há dois autores antigos que nos podem ajudar a perceber isto melhor. O primeiro é São Justino, filósofo e mártir do séc. II. Para ele, a fé cristã traduz-se no abandono dos ídolos para, por Cristo, se consagrar ao Deus não gerado. A partir do que nos diz Justino, surge a pergunta: quais são os ídolos que me impedem de adorar só a Deus? Será o dinheiro? O poder? O prazer? A atenção dos outros? Serei eu próprio? A fé primitiva dá-nos conta de que não se pode ser cristão e, ao mesmo tempo, adorar estes deuses. O outro autor é Clemente de Alexandria, contemporâneo de Justino. Clemente salientava outra dimensão importante: a fé cristã é, por definição, uma conversão constante, um permanente voltar-se para Aquele em quem ainda não se acredita totalmente. É uma busca incessante de mais fidelidade a Jesus. O Cardeal Ratzinger, nas conclusões de um estudo sobre o Símbolo da Fé (o Credo tal como os cristãos do século IV o definiram), dizia que ser cristão implica compreender a existência como resposta ao *Logos*, de tal modo que ‘creio’ significa ‘abandono-me a’. Com efeito, não somos cristãos enquanto não soubermos confiar sem reservas e sem defesas em Deus e naquilo que Ele quer para nós.

Esta noção não está completa sem uma outra dimensão: a comunhão. A fé dos cristãos não se concebe sem a comunidade e a vida comunitária. Podemos ir mais longe: aquela experiência que, no seu tempo, os Apóstolos fizeram de Jesus, hoje faz-se na Igreja. A relação mais autêntica com Ele acontece na Igreja e por meio da Igreja e a isso não podemos renunciar, porque é algo que traduz a vontade do próprio Deus. Assim, na mesma lógica que referimos há pouco, a vida comunitária na Igreja nascente indica-nos o caminho a seguir com as nossas comunidades de hoje. Para a conhecermos, pode ser interessante recorrermos aos testemunhos bíblicos, concretamente aos relatos dos Actos dos Apóstolos. Vejamos:

*"Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fracção do pão e às orações. Perante os inumeráveis prodígios e milagres realizados pelos Apóstolos, o temor dominava todos os espíritos. Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum. Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um. Como se tivessem uma só alma, frequentavam diariamente o templo, partiam o pão em suas casas e tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e tinham a simpatia de todo o povo. E o Senhor aumentava, todos os dias, o número dos que tinham entrado no caminho da salvação." (Act 2,42-47)*

Quando lemos isto, ficamos com inveja, uma 'santa inveja'; à primeira vista, quase parece que Deus era mais generoso nos dons que dava a esta comunidade do que nos dons que nos dá a nós. Eles parecem 'melhores do que nós'. Os estudos bíblicos, porém, não confirmam esta perspectiva: diz-se que este relato não pretende ser um relato histórico estrito, mas a formulação de um desejo, ou seja, uma descrição daquilo que, já no tempo dos primeiros cristãos, se tinha como meta a alcançar. Isto não significa que se trate de uma mentira, nem faz sentido que fiquemos 'desiludidos' com a ideia. O autor dos Actos vive na verdadeira fé de que a meta apresentada é possível, porque é isso que Deus quer fazer em nós. E isso é válido tanto nos primeiros séculos como nos dias de hoje. Com efeito, nas Cartas de São Paulo às comunidades por ele fundadas conseguimos vislumbrar comunidades ainda longe desta plenitude de amor fraterno. O pecado é uma realidade, mas Paulo não tem dúvidas de que o Espírito Santo age na comunidade e a santifica: "Vós não estais sob o domínio da carne, mas sob o domínio do Espírito, pressupondo que o Espírito de Deus habita em vós [...] Se Cristo está em vós, o vosso corpo está morto por causa do pecado, mas o Espírito é a vossa vida" (Rm 8, 9-10).

Hoje, cabe-nos perceber que o mesmo Espírito quer ainda agir em nós, quer ainda transformar a nossa vida de modo que sejamos assíduos ao ensino dos apóstolos, ou seja, que saibamos obedecer à Igreja e que procuremos viver em comunhão com o nosso Bispo; que vivamos em *união fraterna*, procurando pôr o outro em primeiro lugar, vendo nele o próprio Cristo; que sejamos *assíduos à fracção do pão*, isto é, à missa, com a liberdade de quem é capaz de ver para lá da mera ritualidade e de quem sabe, por meio do rito, encontrar-se com Jesus Cristo que se oferece ao Pai por nós; que tenhamos a coragem de viver em comum, o que não significa que, de repente, tenhamos de ir todos para a mesma casa ou partilhar a mesma conta bancária, mas implica que nos dêmos uns aos outros com o que somos o com o que temos, com os critérios de Jesus, os mesmos já assumidos pelos primeiros cristãos, os mesmos que nos lembra insistentemente o Papa Francisco: uma opção primordial pelos pobres.

O cristianismo antigo, como vemos, ensina-nos a viver uma fé autêntica, uma fé que, se necessário, vai até ao martírio. É precisamente dos mártires que falaremos agora. São muitos os mártires da Igreja antiga. Temos documentação ou, pelo menos, tradição sólida, relativamente a cerca de mil mártires, resultado das perseguições levadas a cabo pelo Império



Romano. Só de si, seria já um número significativo, mas é ponto assente que foram muitos mais, principalmente se tivermos em conta os que morreram no anonimato. Para os romanos, a religião era uma instituição pública, a que todos deveriam aderir externamente e da qual dependia o status quo do império. Assim, uma vez que os cristãos não reconheciam o Imperador como chefe da sua religião e defendiam a liberdade de consciência e a laicidade do Estado, o clima de hostilidade relativamente a eles cedo se manifestou. Para os cristãos, por exemplo, era impensável chamar Senhor (*Kyrios*) ao Imperador: sabiam bem que o único Senhor que tinham era Cristo. Do mesmo modo, não ofereciam sacrifícios aos deuses do Império, porque o único sacrifício que celebravam era o de Jesus. No fim do primeiro século, a profissão da fé cristã foi abolida definitivamente pelo Imperador Plínio. Depois, a propósito do incêndio de Roma, Nero considerou proscrita a religião cristã, e começaram então perseguições ocasionais, que se mantiveram até ao século III, altura em que o Império se dá conta das dimensões reais do cristianismo e as perseguições se tornam intencionais, tendo sido particularmente cruciais no período do Imperador Décio (249-251).

Podemos notar nos mártires destes primeiros séculos uma atitude de completa confiança e abandono a Deus, juntamente com uma verdadeira alegria na morte. É impressionante o testemunho que nos chegou de Santo Inácio de Antioquia. Na sua carta aos cristãos de Esmirna, lê-se:

*“Faço saber a todas as Igrejas que com alegria morro por Deus [...] Que o fogo, a cruz, um bando de feras, os dilaceramentos, os cortes, a deslocação dos ossos, o esquartejamento, as feridas pelo corpo todo, os duros tormentos do diabo venham sobre mim para que eu ganhe unicamente a Jesus Cristo! [...] Procuvo aquele que morreu por nós: quero aquele que por nós ressuscitou. Meu nascimento está iminente. Perdoai-me, irmãos! Não me impeçais de viver, não desejeis que eu morra, pois desejo ser de Deus [...] Vivo, vos escrevo, desejando morrer. Meu amor está crucificado. Não há em mim um fogo que busque alimentarse da matéria, apenas uma água viva e murmurante dentro de mim, dizendome em segredo: ‘Vem para o Pai!’”*

Atitudes como esta pudemos ver nos muitos mártires do século XX, o século com mais mártires da história do cristianismo. Um pouco por todos os continentes, os cristãos foram vítimas dos regimes totalitários: a Alemanha nazi, a Polónia comunista, a Espanha no tempo da guerra civil, para não falar do comunismo da antiga União Soviética e da China, ou da intolerância religiosa dos países muçulmanos. Foram milhares de testemunhas (*martyros*, em grego, significa testemunha), homens e mulheres que pagaram com a vida o preço da sua fé e da sua fidelidade sem limites. Como sabemos, ainda hoje o Estado Islâmico mata cristãos simplesmente por serem isso, cristãos.

Na nossa realidade, não somos chamados a testemunhar a fé dessa maneira, mas nem por isso a exigência da vida cristã é menor. A morte e a ressurreição – o mistério pascal de Jesus – é aquilo que nos define e que não podemos deixar de trazer para a nossa vida.

É interpelante neste contexto o surgimento do monaquismo. Na segunda metade do século IV, quando a Igreja deixou de ser perseguida pelos romanos, muitos quiseram responder aos dons de Deus com a mesma exigência dos mártires. Tornando-se monges, substituíram a prisão pela cela, a tortura pela ascese e o martírio pelo êxtase místico. Também nós, sem que tenhamos necessariamente de nos tornar monges, podemos viver nesse mesmo dinamismo, que implica substituir a prisão pelo abandono total de nós mesmos em Jesus, trocar a tortura pelos sacrifícios oferecidos a Deus, e converter o martírio no esquecimento de nós, num esquecimento de quem dá a vida toda a Deus e se dispõe a aceitar os caminhos que Ele propõe. É precisamente isso que temos para aprender com a mãe de Jesus. Na verdade, tudo o que Deus quer fazer na Igreja, fez já na Virgem Maria: ela abandonou-se totalmente a Deus, confiando n'Ele sem reservas; ofereceu a Deus o sacrifício de presenciar em silêncio a paixão e a morte do seu Filho; e esqueceu-se da sua vida, dos planos que tinha para ela mesma, da vida que tinha pensado ter ao lado de José, para se tornar naquilo que Deus tinha sonhado para ela.

### PONTOS DE DISCUSSÃO

1. O que significa para a nossa Equipa ser assídua ao ensino dos Apóstolos? Como é que a relação da Equipa com o nosso Bispo ganha corpo com o passar dos anos? Como é que a minha Equipa – e as EJNS no geral – pode pôr-se ao serviço daquilo que o Bispo pensou para a nossa Diocese?
2. Que passos concretos podemos dar, como Equipa, em direcção a uma verdadeira união fraterna, própria de quem não tem medo de corrigir e ser corrigido e de quem sabe que os outros foram escolhidos por Deus para estarem aqui comigo?
3. O que é que significa para nós sermos perseguidos? Que formas de perseguição sentimos (em relação a nós e em relação a outros) e o que é que nos custa nelas? Daquilo que os cristãos perseguidos testemunham, o que posso transportar para a vida da nossa Equipa?

### PONTOS DE ORAÇÃO

1. Ler **João 21, 15-22** e responder às perguntas que Jesus faz a Pedro. Elas ajudam a que me saiba situar no caminho de vida cristã que tenho percorrido.
2. A partir de **2 Coríntios 4, 7-10**, rezar a minha vida para perceber o que é que posso fazer de concreto para ir passando a “trazer no meu corpo a morte de Jesus”.
3. Ler **1 Pedro 3, 13-18** e perguntar-me de onde me vêm a resistência que por vezes tenho em dar testemunho de Jesus.

## PROPOSTA DE PONTO DE ESFORÇO

Investigar sobre a vida de um dos santos mártires dos primeiros séculos. Escolher uma virtude desse santo para desenvolver em mim. Ler os Actos dos Apóstolos.

## PARA APROFUNDAR

Catecismo da Igreja Católica, 144-152, 153-165, 2474

## ORAÇÃO FINAL

Senhor Jesus,  
Tu revelaste aos homens a bondade do Pai  
e manifestaste o teu amor até ao fim por todos nós.  
Ensina-me a dar-me generosamente a ti  
e a empenhar a minha vida, sem reservas nem defesas,  
nos caminhos que me propões.  
Ajuda-me a saber servir a tua Igreja e a tua vontade santa  
em todas as ocasiões, principalmente nas mais difíceis.  
Mostra-me como posso dar a vida sem medida,  
gastando-me sem procurar nenhuma outra recompensa  
que não seja saber simplesmente que cumpro a tua vontade.  
Ensina-me a ser Filho e irmão,  
e a escutar a tua mensagem para a poder levar a todos.  
Dá-me coragem para te amar só a ti  
e para me libertar de todos os ídolos  
que me impedem de te amar exclusivamente.  
Faz que seja teu e todo da Igreja.  
Ámen.

**PONTO DE ESFORÇO** \_\_\_\_\_

**PRÓXIMA REUNIÃO** \_\_\_\_\_



**“O DESEJO  
DE DEUS”**

FEVEREIRO

## O DESEJO DE DEUS

No tema de Janeiro, vimos como viviam as primeiras comunidades cristãs, de acordo com o relato dos Actos dos Apóstolos. O seu testemunho vivo de fé e desejo de Deus era manifestado inclusivamente pela disposição para o martírio, como se recorda pelo exemplo de S. Inácio de Antioquia. Outras comunidades cristãs tinham tão presente o desejo de Deus que aguardavam ansiosamente o momento da Segunda e Definitiva Vinda de Jesus (a chamada Parusia – palavra grega que significa “manifestação” ou “chegada”). De facto, após a Ressurreição, Jesus ascendeu aos Céus e os apóstolos, enviados por Ele e guiados pelo Espírito Santo, partiram pelo mundo fora a anunciar o reino de Deus, a Ressurreição e a futura Vinda de Jesus glorioso, como Ele prometera (veja-se a promessa de Jesus em Mt 24, 30 – *“Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; e todas as tribos da terra se lamentarão, e verão o Filho do homem, vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória”*). Esta promessa da Parusia foi acolhida com entusiasmo pelos cristãos de Tessalónica, que realmente desejavam ardentemente a vinda definitiva de Jesus e essa expectativa até dava alento para superar as dificuldades quotidianas próprias daquele tempo, porque sabiam que em Jesus tinham um Deus próximo e interessado na vida dos homens. O problema é que os cristãos tessaloníenses pensavam que essa vinda de Jesus era iminente, muito próxima temporalmente (cf. 1 Tess 4-5), e esse desejo de Deus fê-los desinteressar-se pelo mundo presente, até deixando de trabalhar. Por isso, S. Paulo teve necessidade de lhes escrever outra carta a esclarecer que não sabia quando se daria a vinda de Jesus e exortando ao empenho no trabalho e na vida comunitária, com vigilância e oração (cf. 2 Tess 3,10-13).

Avançamos dois mil anos. E hoje, ainda está vivo este desejo de Deus em cada homem? E em nós, cristãos? Com tantos avanços científicos e tecnológicos, mergulhados nesta sociedade de bem-estar e progresso material, onde temos acesso a tantos prazeres e informação, falta-nos alguma coisa? É bem conhecida a tese de Comte (a “Lei dos Três Estados”), segundo a qual a religião seria apenas uma fase da história da humanidade e que com o progresso científico os homens podiam finalmente dispensar essa “invenção” de Deus, útil antes mas agora desnecessária. Conhecemos também pessoas à nossa volta que se dizem ateias e que asseguram ser muito felizes. Será possível? Constatamos ainda a existência de sistemas políticos, como o comunismo, que pretenderam abolir qualquer referência a Deus, em nome duma igualdade num plano puramente material, educando as pessoas sem qualquer referência transcendente. E mesmo em Portugal, procuram apagar-se marcas ou referências visíveis cristãs. Pode-se calar o desejo de Deus que se manifesta no coração humano? Será possível viver assim, sem Deus? Aponto dois casos ilustrativos.

É famoso o exemplo de Simone Beauvoir, a famosa líder feminista e companheira atea do filósofo existencialista Jean Paul Sartre. Apresentada como um modelo de felicidade neste mundo ocidental em plena revolução cultural e sexual no pós-Segunda Guerra Mundial, ela confessava secretamente nas suas Memórias autobiográficas a angústia de não ter nenhum horizonte futuro, a perspectiva da sua morte e do fim de tudo: *“Penso com melancolia*

*em todos os livros lidos, nos lugares visitados, no saber acumulado e que não fica nada. Toda a música, toda a pintura, tantas ligações: de repente, não mais existirão*" (in Joseph Ratzinger, "Fé e Futuro", Editora Principia, 2008). Em Simone de Beauvoir salta à vista esta nostalgia de absoluto e esta "insatisfação" que é própria de cada homem e mulher de todos os tempos. Os homens querem viver mais.

Noutra linha, temos também o testemunho de S. Josefina Bakhita, a africana que no séc. XIX foi raptada em África e trazida para a Itália como escrava e que, depois de desprezada e maltratada por tantos patrões, ouviu falar pela primeira vez de Jesus Cristo. Conta-nos o Papa Bento XVI na Spe Salvi: *"[Bakhita] agora ouvia dizer que existe um «paron» acima de todos os patrões, o Senhor de todos os senhores, e que este Senhor é bom, a bondade em pessoa. Soube que este Senhor também a conhecia, tinha-a criado; mais ainda, amava-a. Também ela era amada, e precisamente pelo «Paron» supremo, diante do qual todos os outros patrões não passam de miseráveis servos. Ela era conhecida, amada e esperada; mais ainda, este Patrão tinha enfrentado pessoalmente o destino de ser flagelado e agora estava à espera dela «à direita de Deus Pai». Agora ela tinha «esperança»; já não aquela pequena esperança de achar patrões menos cruéis, mas a grande esperança: eu sou definitivamente amada e aconteça o que acontecer, eu sou esperada por este Amor. Assim a minha vida é boa. Mediante o conhecimento desta esperança, ela estava «redimida», já não se sentia escrava, mas uma livre filha de Deus"* (in Bento XVI, "Spe Salvi", número 3, [www.vatican.va](http://www.vatican.va)). Em Bakhita, mostra-se como no coração de qualquer um está esta abertura à relação com Deus, está presente o desejo de mais, o desejo de plenitude e de liberdade.

Este desejo de mais, esta "insatisfação" com a realidade presente meramente material, revela que há no homem uma disposição para acolher Alguém maior. Por outras palavras, há no homem uma disposição para o encontro com Deus, porque o homem foi criado assim. Esta foi a tese defendida pelo teólogo jesuíta Karl Rahner, na sua Teoria Transcendental: segundo Rahner, na criação Deus estabeleceu a "gramática" – a estrutura existencial no homem, criado como unidade de corpo-alma – que possibilita a Revelação de Deus aos homens, isto é, há algum tipo de semelhança entre Deus e o homem por Ele criado que torna o homem capaz de pensar em Deus, capaz de relação com Deus, capaz de acolher a Deus que Se lhe manifesta. Daqui se conclui que Deus criou todos os homens com capacidade para O acolher. Assim não nos devemos admirar de notar nas crianças ou também nas pessoas portadoras de deficiência ou nas pessoas de outros meios geográficos e culturais esta capacidade para a relação com Deus.

Alguém poderia objectar: "Ok, mas esse desejo e essa abertura para Deus não nos garantem que esse Deus seja real". É um bom argumento e logo se vê como poderíamos cair numa lógica subjectiva dum deus à medida dos desejos de cada um. Porém, a Igreja realça precisamente a dimensão histórica do nosso Deus, que não é imaginação nem invenção, mas que Se revelou na história do povo de Israel e que Encarnou há 2000 anos em Jesus Cristo, nascido da Virgem Maria, em Belém da Judeia. Este Jesus, tendo vivido em Nazaré até aos

30 anos, começou a Sua vida pública, anunciando o Reino de Deus, perdoadando os pecados de homens reais e fazendo milagres curando outros homens concretos, tendo sido rejeitado e condenado à morte de Cruz. Ressuscitou ao terceiro dia, apareceu aos apóstolos (cf. 1 Cor 15,3-5) e fundou a Igreja, que tem a missão de O anunciar a todos os homens.

Este desejo do Deus Verdadeiro – não um deus imaginário ou à minha medida – está presente no coração do homem e é plenamente preenchido pela Pessoa de Jesus, Deus feito homem, que Se revelou plenamente aos homens há 2000 anos. Esta é a firme convicção do papa Francisco e de todos os cristãos, expressada no número 265 da *Evangelii Gaudium*. Aí lemos: *“Toda a vida de Jesus, a sua forma de tratar os pobres, os seus gestos, a sua coerência, a sua generosidade simples e quotidiana e, finalmente, a sua total entrega, tudo é precioso e fala à nossa vida pessoal. Todas as vezes que alguém volta a descobri-lo, convence-se de que é isso mesmo o que os outros precisam, embora não o saibam. (...) Existe já, nas pessoas e nos povos, pela acção do Espírito, uma ânsia – mesmo se inconsciente – de conhecer a verdade acerca de Deus, do homem, do caminho que conduz à libertação do pecado e da morte” e justamente “o Evangelho dá resposta às necessidades mais profundas das pessoas, porque todos fomos criados para aquilo que o Evangelho nos propõe: a amizade com Jesus e o amor fraterno”.*

A amizade com Jesus é o desejo inscrito no coração de cada um. Atendendo à carta de S. Paulo aos Tessalonicenses, percebemos que esse desejo de encontro com Jesus não pode degenerar em vivências espiritualistas que nos afastem do mundo. O desejo de Deus, inscrito no coração daqueles cristãos de há 2000 anos e também em nós hoje, não pode ser desencarnado. Na verdade, o homem que deseja o encontro com Deus, longe de se afastar deste mundo e das realidades materiais, deve empenhar-se mais ainda naquilo que é a sua realidade humana, onde Deus vem ao seu encontro. Dizia S. Josemaria Escrivá na famosa homilia *“Amar o mundo apaixonadamente”*: *“Meus filhos, onde estiverem os homens, vossos irmãos; onde estiverem as vossas aspirações, o vosso trabalho, os vossos amores, é aí que está o sítio do vosso encontro quotidiano com Cristo. É no meio das coisas mais materiais da Terra que devemos santificar-nos, servindo Deus e todos os homens.”*

Já S. Agostinho dizia *“Criastes-nos para Vós, Senhor, e o nosso coração não descansa enquanto não repousar em Vós”*. Como podemos então ir descansando em Deus? Por meio do encontro com Jesus, já aqui, através dos Sacramentos, através do amor e entrega ao serviço dos outros, através da oração e união com Ele, sempre fruto da iniciativa dEle, que prometeu ficar connosco todos os dias até ao fim dos tempos (cf. Mt 28, 20). Este descanso em Deus é tão real que, mesmo no meio dos sofrimentos presentes, o desejo profundo de Deus e de ver a Sua face (cf. Sl 26) não pode ser calado, mesmo que por vezes a única expressão desse desejo seja *“Desperta, Senhor, por que dormes? Desperta e não nos rejeites para sempre! Por que escondes a tua face e te esqueces da nossa miséria e tribulação? A nossa alma está prostrada no pó, e o nosso corpo colado à terra. Levanta-te! Vem em nosso auxílio; salva-nos, pela tua bondade!”* (cf. Sl 44, 20.23-27).

## PONTOS DE DISCUSSÃO

1. Na minha vida, em que momentos concretos experimentei mais esta sede de Deus?

2. Que sinais vejo à minha volta desta sede e desejo de Deus?

3. Há 2000 anos, Zaqueu subiu a uma árvore para ver Jesus (cf. Lc 19), a senhora hemorroíssa tocou no manto de Jesus no meio da multidão (cf. Mc 5) e o cego Bartimeu não se calava, gritando “Jesus, Filho de David, tem compaixão de mim” (cf. Mc 10). Todos eles estavam à margem naquela sociedade, fosse pela doença ou pela profissão, mas neles manifesta-se o desejo vivo de se encontrar com Jesus. De que modo sou facilitador do encontro com Deus para aqueles à minha volta hoje?

## PONTOS DE ORAÇÃO

*“A solidão mais significativa e enraizada que experimentamos vem do desejo ardente de ver a Deus. (...) Parece que Deus nos fez de tal modo que dentro de nós existe um certo espaço, uma sede, um vazio solitário que só Ele pode preencher. Nós somos como uma caverna de profundidade infinita. Evitar entrar na nossa solidão conduz-nos necessariamente à superficialidade, a uma vida fora da nossa profundidade e riqueza. (...) Estamos feitos para um amor e uma unidade infinitos. Temos de aceitar que esta inquietude é uma parte incurável do ser humano. Não aceitar esta condição conduzir-nos-á a viver fora de nós. Para canalizar criativamente esta inquietude, cada um de nós terá de ir por dentro de si mesmo, na busca desse infinito, na busca do rosto de Deus. Esta é a grande tarefa da vida e a mais bonita, sem nenhuma dúvida. Somos para o Infinito! Nada nem ninguém poderá saciar a nossa sede.”* (in Carlos Maria Antunes, “Atravessar a própria solidão”, Paulinas, 2011)

## PROPOSTA DE PONTO DE ESFORÇO

Este mês propomos que dê 10 minutos por dia do teu tempo para fazer silêncio e deixar que o desejo de Deus presente em ti se manifeste. Arrisca entrar dentro da tua solidão e aí ouvir a Deus. Marca uma hora exacta para o fazer diariamente.

Outra sugestão é ler o Livro de Job.

## PARA APROFUNDAR

Catecismo da Igreja Católica, 26-49

Carlos Maria Antunes, “Atravessar a própria solidão”

Bento XVI, Encíclica Spe Salvi, 2007

Livro de Job



## **ORAÇÃO FINAL**

### **Salmo 62 (63), 2-9 | Sede de Deus**

*Criastes-nos para Vós, Senhor,  
e o nosso coração não descansa  
enquanto não repousar em Vós (S. Agostinho).*

Senhor, sois o meu Deus: desde a aurora Vos procuro. \*

A minha alma tem sede de Vós.

Por Vós suspiro, \*

como terra árida, sequiosa, sem água.

Quero contemplar-Vos no santuário, \*

para ver o vosso poder e a vossa glória.

A vossa graça vale mais que a vida: \*

por isso os meus lábios hão-de cantar-Vos louvores.

Assim Vos bendirei toda a minha vida \*

e em vosso louvor levantarei as mãos.

Serei saciado com saborosos manjares \*

e com vozes de júbilo Vos louvarei.

Quando no leito Vos recordo, \*

passo a noite a pensar em Vós.

Porque Vos tornastes o meu refúgio, \*

exulto à sombra das vossas asas.

Unido a Vós estou, Senhor, \*

a vossa mão me serve de amparo.

**PONTO DE ESFORÇO** \_\_\_\_\_

**PRÓXIMA REUNIÃO** \_\_\_\_\_



## “A IGREJA”

MARÇO

## A IGREJA

O tema deste mês de Março é a Igreja. Depois de termos visto, no mês passado, que todos nós temos o desejo de Deus, ou seja, que cada pessoa tem em si esta marca de Deus e para Deus, vamos agora ver brevemente como é que a Igreja corresponde e nos responde a esse mesmo desejo. Como é que a Igreja é a resposta de Deus ao nosso desejo de Deus.

Muitas vezes ouvimos dizer: “Acredito em Deus, mas não na Igreja”, tentando-se separar estas duas realidades. Falar da Igreja é falar de algo simultaneamente divino e humano. Divina porque foi desejada por Deus, instituída por Jesus Cristo. Humana porque formada por aqueles que, baptizados, acreditam em Jesus e procuram seguir a Sua vontade. É comum muitos admitirem a existência de Deus e até que gostam de se relacionar com Ele, mas não com a Igreja, que é composta por pecadores. Deus é a parte transcendente, a parte espiritual, a parte divina, e a Igreja a parte material, meramente humana, como se não houve uma união íntima e inseparável entre Deus e a Sua Igreja.

Antes de mais, vamos ler o que o nosso Papa Francisco disse numa homilia na Casa de Santa Marta, precisamente definindo o que é a Igreja. Não é se calhar a primeira ideia que nos viria à cabeça, mas na linguagem simples e imediata a que já nos habituou, o Papa Francisco diz: “E então vê-se que a Igreja começa aí, no coração do Pai, que teve esta ideia... Não sei se o Pai teve uma ideia: o Pai teve amor. E deu início a esta história de amor, a esta história de amor tão longa no tempo e que ainda não terminou. Nós, mulheres e homens da Igreja, estamos no meio de uma história de amor: cada um de nós é um elo dessa cadeia de amor. E, se não entendemos isto, não entendemos nada do que é a Igreja” (Homilia na Casa de Santa Marta a 24 de Abril de 2013). Neste sentido, podemos começar a olhar para a Igreja não como algo puramente necessário e útil, humanamente falando, para continuar a missão de Jesus sobre a Terra, mas como uma ideia de amor de Deus, que não nos abandona e continua presente no meio de nós, manifestando assim a Sua presença.

Há alguns episódios centrais quando falamos da Igreja, entre os quais referimos dois: primeiro quando Jesus confia a Simão Pedro a condução da Igreja, quando o trata precisamente por Pedro – pedra – como a base da Sua Igreja. Aqui afirma claramente o seu lugar como primeira testemunha da fé e autoridade para agir em nome de Jesus (Cf. Mt 16, 13-20). Em segundo lugar, quando Jesus já ressuscitado pergunta por três vezes a Pedro se O ama e no final lhe diz: “apascenta as minhas ovelhas” (Cf. Jo 21, 15-23), compreendemos como Pedro não é apenas o “chefe” ou “CEO” de uma grande empresa, mas um pastor, como Cristo, que é o único e Bom Pastor, Aquele que está à frente do rebanho para o conduzir, e que sobretudo dá a vida pelas suas ovelhas. Aqui vemos como foi claro o desejo de Jesus. Ele quis permanecer presente e actuante, pela força do Espírito Santo, já não na Sua forma física como há dois mil anos, mas de forma nova.

Também no episódio da Última Ceia, com a instituição da Eucaristia (Cf. Lc 22, 14-20), Jesus perpetua a Sua presença física, podemos dizê-lo, no meio de nós. De facto, “É altamente conveniente que Cristo tenha querido ficar presente à sua Igreja desta maneira singular. Visto que estava para deixar os seus em sua forma visível, Cristo quis dar-nos a sua presença sacramental; e visto que ia oferecer-se na cruz para nos salvar, queria que tivéssemos o memorial do amor com o qual nos amou “até o fim” (Jo 13,1), até o dom da sua vida. Com efeito, na sua presença eucarística Ele permanece misteriosamente no meio de nós como aquele que nos amou e que se entregou por nós, e o faz sob os sinais que exprimem e comunicam este amor”. (Catecismo da Igreja Católica, 1380).

Em tudo isto é cada vez mais claro para nós que a Igreja não nasce da vontade humana, não foi inventada pelos homens, mas desejada e instituída pelo próprio Deus. É, como dizíamos no início, a resposta de Deus a este desejo interior em cada um de nós de nos relacionarmos com Deus. Mas exige em cada um de nós uma resposta de amor. Na vida pessoal de cada um, na sua relação íntima com Deus, mas também enquanto comunidade escolhida por Deus com uma missão. No momento da sua Ascensão, Jesus diz: “Ide e fazei discípulos de todos os povos, baptizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado” (Cf. Mt 28, 16-20). A Igreja é assim o Corpo de Cristo, animada e guiada pelo Espírito Santo, o mesmo Espírito que desce sobre Jesus no Seu baptismo no rio Jordão, o mesmo Espírito que Jesus entrega ao Pai na Cruz e que desce sobre Nossa Senhora e os Apóstolos reunidos em oração no Cenáculo, no Pentecostes. A Igreja deve ser missionária, evangelizadora, anunciadora da Boa-nova de que Deus existe, que Ele é Amor e que Se revela de forma perfeita e total em Jesus Cristo, que viveu, morreu e ressuscitou para nos dar a vida eterna.

Não, a Igreja não é apenas realidade humana, nem se pode definir apenas como uma grande associação de pessoas com algum fim meramente humano e material. O Catecismo ajuda-nos a perceber, resumindo assim: “A palavra “Igreja” significa “convocação”. Designa a assembleia daqueles que a Palavra de Deus convoca para formarem o Povo de Deus e que, alimentados pelo Corpo de Cristo, se tornam Corpo de Cristo. A Igreja é ao mesmo tempo caminho e finalidade do desígnio de Deus: prefigurada na criação, preparada na Antiga Aliança, fundada pelas palavras e actos de Jesus Cristo, realizada pela sua Cruz redentora e pela sua Ressurreição, ela é manifestada como mistério de salvação pela efusão do Espírito Santo. Será consumada na glória do céu como assembleia de todos os resgatados da terra. A Igreja é ao mesmo tempo visível e espiritual, sociedade hierárquica e Corpo Místico de Cristo. Ela é una, mas formada por um elemento humano e um elemento divino. Somente a fé pode acolher este mistério. A Igreja é no mundo presente o sacramento da salvação, o sinal e o instrumento da comunhão de Deus e dos homens” (CIC 777-780).

Ser sacramento universal de salvação significa que a Igreja é o instrumento que Deus escolhe porque quer salvar a todos. Deus implica-nos, enquanto Igreja, nesta tarefa de evangelização.

Há uma afirmação muito antiga dos primeiros séculos da Igreja que diz “fora da Igreja não há salvação”. O Concílio Vaticano II, Na Constituição dogmática *Lumen Gentium*, ajuda-nos a perceber melhor o que isto significa: “Apoiado na Sagrada Escritura e na Tradição, [o Concílio] ensina que esta Igreja, peregrina na terra, é necessária para a salvação. De facto, o único mediador e caminho da salvação é Cristo, que Se nos torna presente no seu Corpo, que é a Igreja. Ao afirmar-nos expressamente a necessidade da fé e do baptismo, Cristo confirma-nos a necessidade da Igreja, na qual os homens entram pela porta do Baptismo. É por isso que não podem salvar-se aqueles que, sabendo que a Igreja católica foi fundada por Deus por meio de Jesus Cristo como instituição necessária, apesar disso não quiserem nela entrar ou nela perseverar (LG, 14). “Com efeito, também podem conseguir a salvação eterna aqueles que sem culpa ignoram o Evangelho de Cristo e sua Igreja, mas buscam a Deus com coração sincero e tentam, sob o influxo da graça, cumprir a sua vontade conhecida através do que a consciência lhes dita” (LG, 16).

Assim vemos a importância única e insubstituível da Igreja, e ao mesmo tempo a grande responsabilidade que Jesus nos confia. Daqui nasce a urgência e da nossa missão evangelizadora. À pergunta “qual a missão da Igreja?”, o *Youcat* diz-nos que é “permitir que, em todos os povos, brote e cresça o Reino de Deus”, e que a Igreja “serve este Reino de Deus. Ela não é um fim em si mesma. Ela tem de continuar o que Jesus começou. (...) Ela transmite as palavras de Jesus e prossegue a celebração dos sinais sagrados de Jesus (sacramentos). Portanto, a Igreja, com toda a sua fraqueza, é um pedaço de Céu sobre a Terra” (*Youcat*, 123). Os sacramentos são-nos dados por Deus para nos fortalecer no nosso caminho de fé, são canais da graça de Deus que Ele nos comunica para nos fortalecer na luta contra o pecado e para perseverarmos com Ele na santidade. Jesus quer que nos relacionemos com Ele através da Igreja, que é o corpo do qual Ele é a cabeça. Isto tudo com um fim: a salvação das nossas almas, a vida eterna, o estarmos para sempre junto de Deus, no Céu. Tudo o que a Igreja faz é para isto.

Na Igreja, edificada por Jesus sobre esta pedra que é Pedro, o Papa tem um papel fundamental. O Papa é sucessor de São Pedro, Bispo de Roma. É garantia da unidade da Igreja e confirma toda a Igreja na fé. É aquele que tem maior autoridade na Igreja, e por isso chamado a ser o maior no serviço – esse é o verdadeiro poder, como mostrou na sua vida o próprio Senhor Jesus. “Jesus construiu a Igreja sobre o fundamento dos Apóstolos. Este fundamento suporta-a até hoje. A fé dos Apóstolos foi transmitida de geração em geração, sob a direcção do ministério petrino (de São Pedro e dos seus sucessores), que ‘preside à caridade’” (*Youcat* 129). É por isso que cada um de nós está ligado ao Papa e lhe obedece. É por isso que todos os Bispos estão unidos ao Papa e dessa união lhes vem a autoridade. É por isso que escutamos a voz do Papa, nosso pastor universal, porque em primeiro lugar ele fala a toda a Igreja e ao mundo em nome de Jesus.

São Cipriano disse: “Ninguém pode ter a Deus por Pai se não tiver a Igreja por Mãe”. E é bem verdade, quando percebemos o que realmente é a Igreja, então percebemo-nos

filhos muito amados. Acabamos com estas palavras do Papa Francisco, que nos devem lembrar a nossa postura na Igreja: “O primeiro fruto do baptismo é fazer-te pertencer à Igreja, ao Povo de Deus. Não se entende um cristão sem Igreja. Por isso o grande Paulo VI dizia que é uma dicotomia absurda amar Cristo sem a Igreja; escutar Cristo mas não a Igreja; estar com Cristo à margem da Igreja. Não se pode. É uma dicotomia absurda” (Homilia na Casa de Santa Marta a 30 de Janeiro de 2014).

## PONTOS DE DISCUSSÃO

1. Como é a minha relação com Igreja? Sempre fui católico? Só vou à missa quando me apetece? Ser católico é uma decisão minha ou nem penso nisso muito a fundo?
2. Acredito que Jesus me fala através da Igreja, ou acho que só falamos com Deus directamente?
3. Como falo com Deus através da Igreja. Para que me serve a Igreja afinal?
4. Como Igreja, sinto-me implicado no mandato missionário de Jesus “Ide por todo o mundo e anunciai a boa-nova?” O que tenho feito para dar a conhecer Jesus aos outros?
5. Dou testemunho de amor, respeito, obediência à Igreja, nas minhas palavras e nas minhas obras?
6. Já tentei ler alguma vez o Catecismo da Igreja Católica, o Compêndio do Catecismo ou o Youcat?
7. Quando alguém me pergunta alguma coisa sobre a Igreja que eu não sei responder, vou procurar saber mais ou apenas respondo que não sei ou não me interessa?

## PONTOS DE ORAÇÃO

*“Há três pilares dessa pertença, desse sentir com a Igreja (sensus ecclesiae). O primeiro é a humildade. Uma pessoa que não é humilde não pode sentir com a Igreja, sentirá aquilo que lhe apraz. É essa humildade que se vê em David: ‘Quem sou eu, Senhor Deus, e o que é a minha casa?’ Com aquela consciência de que a história da salvação não começou comigo nem acabará quando eu morrer. Não, é uma longa história de salvação: eu nasço, o Senhor pega em mim, faz-me seguir em frente, depois chama-me e a história continua. A história da Igreja começou antes de nós e continuará depois de nós. Humildade: somos uma pequena parte de um grande povo, que segue o caminho do Senhor. O segundo pilar é a fidelidade, que está ligada à obediência. Fidelidade à Igreja; fidelidade ao seu ensinamento; fidelidade ao Credo; fidelidade à doutrina, guardar essa doutrina. Humildade e fidelidade. Também Paulo VI nos recordava que nós recebemos a mensagem do Evangelho como um dom e que a devemos transmitir como um dom, mas não como uma coisa nossa: é um dom recebido, que nós damos. (...) o terceiro pilar é rezar pela Igreja. Como vai a nossa oração pela Igreja? Rezamos pela Igreja? Na Missa, todos os dias, mas em nossa casa, quando fazemos as nossas orações, não é? Que o Senhor nos ajude a seguir esse caminho para aprofundar a nossa pertença à Igreja e o nosso sentir com a Igreja”. (Papa Francisco, Homilia na Casa de Santa Marta a 30 de Janeiro de 2014).*

## **PROPOSTA DE PONTO DE ESFORÇO**

Este mês propomos que vás à Missa durante a semana, sem ser apenas ao Domingo porque é obrigatório. Entra também numa Igreja, sem ser à hora da Missa, senta-te em silêncio e reza. Olha para a igreja, para as pinturas, para os Santos, para os azulejos, e contempla a história que compõe a Igreja. Tantos acontecimentos e pessoas que antes de nós viveram a mesma fé. Pensa como és um elo numa corrente maior do que tu, mas essencial para que ela não se quebre.

Podes ler também a parte do Youcat que a seguir vem sugerida, sobre a Igreja, e pode ser que esse seja o início de uma leitura progressiva do Catecismo da Igreja Católica, para melhor conheceres a Igreja e o que ela ensina.

## **PARA APROFUNDAR**

Catecismo da Igreja Católica, 748-870

Papa Francisco, A verdade é um encontro – Homilias em Santa Marta

Youcat, 121-145

Lumen Gentium, Constituição Dogmática do Concílio Vaticano II sobre a Igreja

## **ORAÇÃO FINAL**

### **Credo Niceno-constantinopolitano**

Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso,  
Criador do Céu e da Terra,  
De todas as coisas visíveis e invisíveis.

Creio em um só Senhor, Jesus Cristo,  
Filho Unigénito de Deus,  
nascido do Pai antes de todos os séculos:  
Deus de Deus, luz da luz,  
Deus verdadeiro de Deus verdadeiro;  
gerado, não criado, consubstancial ao Pai.  
Por Ele todas as coisas foram feitas.  
E por nós, homens, e para nossa salvação  
desceu dos Céus.

E encarnou pelo Espírito Santo,  
no seio da Virgem Maria.  
e se fez homem.

Também por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos;  
padeceu e foi sepultado.

Ressuscitou ao terceiro dia,  
conforme as Escrituras;  
e subiu aos Céus,  
onde está sentado à direita do Pai.  
De novo há-de vir em sua glória  
para julgar os vivos e os mortos;  
e o seu Reino não terá fim.

Creio no Espírito Santo,  
Senhor que dá a vida,  
e procede do Pai e do Filho;  
e com o Pai e o Filho  
é adorado e glorificado:  
Ele que falou pelos Profetas.

Creio na Igreja,  
Una, Santa, Católica e Apostólica.  
Professo um só baptismo para a remissão dos pecados.  
E espero a ressurreição dos mortos  
e vida do mundo que há-de vir.  
Amen.

**PONTO DE ESFORÇO** \_\_\_\_\_

**PRÓXIMA REUNIÃO** \_\_\_\_\_





**“O SIGNIFICADO  
DA INICIAÇÃO CRISTÃ”**

ABRIL

# O SIGNIFICADO DA INICIAÇÃO CRISTÃ

Deixemo-nos transportar para o dia de Pentecostes e fiquemos entre os Discípulos reunidos no cenáculo em oração, à espera que se cumpra a promessa de Cristo do envio do Espírito Santo. Queremos ser mais um Discípulo? Queremos estar cheios do Espírito Santo e ir pelo mundo anunciar a Boa Nova?

2000 anos depois da abertura oficial da Igreja ao mundo, os frutos do mistério pas-cal continuam a brotar e a crescer no meio dos homens de boa fé. Estes sinais eficazes da graça de Deus foram instituídos por Cristo durante a sua vida terrena e confiados à Igreja nas mãos dos Discípulos, que os partilharam connosco selando, assim, a relação de Deus com a Igreja e com os fiéis.

São sete os sacramentos instituídos por Cristo, em torno dos quais vive a Igreja: Baptismo, Confirmação ou Crisma, Penitência, Unção dos enfermos, Ordem e Matrimónio. E esta vida sacramental, que acompanha as etapas da vida natural, é ao mesmo tempo pessoal e eclesial: para o fiel, é viver para Deus em Cristo; para a Igreja, é crescimento na caridade e na sua missão de testemunho.

Os sacramentos da iniciação cristã – Baptismo, Confirmação e Eucaristia – são assim chamados porque sobre eles se constrói toda a vida cristã; são eles os alicerces da nossa casa edificada sobre a rocha.

## No Baptismo nascemos para uma vida nova

Baptizar (do grego *baptizein*) significa *mergulhar, imergir, sepultar* o catecúmeno na morte de Cristo (que venceu o pecado) de onde sai pela ressurreição com Ele para uma vida nova.

As palavras de São Gregório de Nazianzo explicam na perfeição a extensão do sacramento do Baptismo. «O Baptismo é o mais belo e magnífico dos dons de Deus [...] Chamamos-lhe *dom*, graça, unção, iluminação, veste de incorruptibilidade, banho de regeneração, selo e tudo o que há de mais precioso. *Dom*, porque é conferido àqueles que não trazem nada; *graça*, porque é dado mesmo aos culpados; *baptismo*, porque o pecado é sepultado nas águas; *unção*, porque é sagrado e régio (como aqueles que são ungidos); *iluminação*, porque é luz irradiante; *veste*, porque cobre a nossa vergonha; *banho*, porque lava; *selo*, porque nos guarda e é sinal do senhorio de Deus.»

Com este sacramento inicia-se a nossa ligação à Igreja enquanto comunidade e a fé da Igreja é, a partir de então, a nossa fé: «Que pedis à Igreja de Deus?» «A fé!». Daí que todos os anos celebremos juntos, na Vigília Pascal, a renovação das promessas do Baptismo, renunciando ao Mal e prometendo servir a Deus na Igreja. E que vida cheia teremos só a tentar cumpri-las! Para isso, e porque Deus se dá a cada um em cada sacramento, recebemos

a sua graça, que deixa no baptizado uma marca espiritual indelével: pertencemos a Cristo, estamos com Ele, estamos n'Ele e vivemos por Ele.

### **Na Confirmação somos fortalecidos em Cristo**

O facto de a Confirmação (ou Crisma) ser um sacramento, comprova por si mesmo que não se trata apenas de uma formalidade na vida dos católicos: «pelo sacramento da Confirmação, [os baptizados] são mais perfeitamente vinculados à igreja, enriquecidos com uma força especial do Espírito Santo e deste modo ficam mais estritamente obrigados a difundir e a defender a fé por palavras e obras, como verdadeiras testemunhas de Cristo» (*Lumen Gentium*, 11).

Também neste momento (à imagem do que acontece no Baptismo) é impresso no confirmando um sinal espiritual indelével, daí que só se possa receber este sacramento um vez na vida. Ouvindo as palavras do bispo: «lembra-te, pois, de que recebeste o sinal espiritual, o espírito de sabedoria e de entendimento, o espírito de conselho e de fortaleza, o espírito de ciência e de piedade, o espírito do santo temor, e guarda o que recebeste. Deus Pai marcou-te como seu sinal, o Senhor Jesus Cristo confirmou-te e pôs no teu coração o penhor do Espírito», percebemos como o caminho feito desde o Baptismo se aprofunda e somos revestidos do Espírito de Deus para sermos suas testemunhas.

Mas porquê a Confirmação? O Baptismo não é suficiente? Não é uma questão de quantidade mas de qualidade: tudo o que nos aproxima de Deus deve ser observado. Neste caso, o sacramento da Confirmação, pelas graças que recebemos, deixa-nos mais despertos para a ação do Espírito Santos, para os seus dons e apelos, e permite-nos assumir com mais caridade as responsabilidades apostólicas de ser Igreja. Se assim é, como não receber o sacramento da Confirmação?

Sem a Confirmação e a Eucaristia, o sacramento do Baptismo continua a ser válido e eficaz, mas a iniciação cristã fica incompleta. Um católico que não é confirmado é como um soldado enviado para o campo de batalha sem completar a recruta. E nós queremos ser perfeitos soldados de Cristo!

### **Na Eucaristia recebemos o Pão da vida eterna**

«Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim» (Jo 13, 1), entregou-se por eles como prova desse amor e para nunca mais se afastar deles e os tornar participantes da sua Páscoa, instituiu a Eucaristia como memorial da sua morte e ressurreição. Assim, a Eucaristia é a «fonte e cume de toda a vida cristã» (*Lumen Gentium*, 47) e todos os sacramentos estão vinculados à Eucaristia e a ela se ordenam porque nela está contido o próprio Cristo.

Embora este sacramento tenha diferentes nomes – *Eucaristia*, *Ceia do Senhor*, *Fração do Pão*, *Assembleia Eucarística*, *Santo Sacrifício*, *Santa e Divina Liturgia*, *Comunhão* e *Santa Missa* – com diferentes significados, todos representam a comunhão de vida com

Deus e a união do povo de Deus na Igreja. Ou seja, pela celebração eucarística antecipamos a vida eterna, quando formos um com Nosso Senhor (cf. 1Cor 15, 52), e experimentamos a plenitude da Igreja de Cristo, unidos em oração com todos os católicos de ontem, hoje e amanhã.

A Santa Missa segue uma estrutura fundamental que se estende até aos nossos dias desde os primórdios da Igreja. Ela divide-se em dois grandes momentos:

A **Liturgia da Palavra**, com as leituras, homilia e oração universal;

A **Liturgia Eucarística**, com a apresentação do pão e do vinho, ação de graças consecratória e a comunhão.

Juntas constituem «um só e mesmo acto de culto» (*Sacrosanctum Concilium*, 56), como testemunhamos na passagem dos discípulos de Emaús: primeiro Jesus explicou-lhes as Escrituras e depois sentou-se à mesa com eles e partiu o pão. E repetimo-lo até ao fim dos tempos (cf. Lc 22, 19).

Que Deus é este que a toda a hora se dá por nós, no derradeiro sacrifício de Amor que um homem pode fazer? Que Deus é este que nos fortalece com o seu Corpo e o seu Sangue, em detrimento da sua condição divina? No memorial da morte e ressurreição de Cristo, Ele abre-nos ainda mais as portas do Céu ficando entre nós de forma real, pelo milagre da *transubstanciação* que converte o pão e o vinho no seu Corpo e Sangue e nos santifica (daí que nos prostremos em adoração na presença do Senhor).

No que toca ao Homem, Cristo é o mais digno dos apaixonados pois só quer ouvir: «O meu amado é para mim e eu para ele | ele é o pastor entre os lírios | até que rebente o dia | e as sombras desapareçam. | Volta, meu amado, e sê como um garmo | ou um filhote de gazela | pelas quebradas dos montes.» (Ct 2, 16-17). Ora, a Eucaristia é esse encontro de Amor entre Deus e o Homem, e quem ama sabe que no amor tudo é orientado para a felicidade do outro. Mas não é só por um arrebatamento do coração que devemos ser assíduos ao sacramento da Eucaristia mas também, e antes de mais, pelo convite que Jesus faz: «se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós» (Jo 6, 53).

Por isso, devemos assistir à Santa Missa sempre que possível, de preferência todos os dias, e obrigatoriamente ao domingo e dias santos. E devemos fazê-lo com todo o enlevo, preparando-nos com especial cuidado para o momento da Comunhão: como o anfitrião que limpa a sua casa antes de receber os convidados, também nós devemos estar limpos de qualquer pecado grave antes de nos dirigirmos ao sacerdote para comungar; como o anfitrião que escolhe uma roupa especial e põe a uso o melhor serviço de mesa, também nós devemos estar na igreja com roupa e gestos que mostrem o respeito, a solenidade e a alegria do momento em que Cristo se torna nosso hóspede.

Devemos também estar conscientes dos frutos que resultam da Comunhão, sendo o mais relevante, a união íntima com Jesus que torna reais as suas palavras «Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em Mim e Eu nele» (Jo 6, 56). Cristo deixou-nos, com a Eucaristia, o sinal da glória que nos espera no Céu. A participação na Santa Missa faz-nos desejar a vida eterna e une-nos à Igreja do Céu, a Nossa Senhora e a todos os santos. Sustenta também as nossas forças na vida de fé e renova a graça recebida no Baptismo.

Cristo está realmente presente no Sacramento do Altar! Faz-se pequenino para ficar entre nós, no Sacrário, pronto a dar-se novamente, sempre e mais uma vez. «Quisera eu morrer de amor aos pés da tua Cruz», diz São Rafael de Arnáiz e é esta a disposição com que nos devemos aproximar do Santíssimo Sacramento. E enquanto não chega a hora de participarmos novamente na Eucaristia, devemos visitar Jesus no Sacrário – «é uma prova de gratidão, um sinal de amor e um dever de adoração para com Cristo Nosso Senhor» (Encíclica *Mysterium Fidei*).

«Sede sempre alegres. Orai sem cessar. Em tudo dai graças. Esta é, de facto, a vontade de Deus a vosso respeito em Jesus Cristo. Não apagueis o Espírito.» (1Ts 5, 16-19)

### **PONTOS DE DISCUSSÃO**

1. Estou consciente da importância do Baptismo na minha vida ou é apenas algo que os meus pais e padrinhos decidiram proporcionar-me?
2. Em que momento da minha vida as promessas do Baptismo deixaram de ser dos meus pais e padrinhos por mim, e passaram a ser minhas? Lembro-me delas quem frequentemente?
3. A Confirmação aproxima-me de Deus através da Igreja enquanto comunidade. Guardo só para mim as graças de Deus que recebi no sacramento da Confirmação (como servo que enterrou o talento que o seu senhor lhe deu) ou estas graças são para o mundo, para que todos conheçam e amem a Deus?
4. Qual é a minha relação com Jesus no Sacrário? Visito-O frequentemente? Faço-lhe companhia e falo com Ele? Lembro-me que Ele está verdadeiramente no Sacrário quando passou por um igreja ou oratório, e que a sua presença se estende para além do momento da Comunhão?

### **PONTOS DE ORAÇÃO**

Act 2

2 Tm 2

1 Cor 15

Jo 13, 1-19

## **PROPOSTA DE PONTO DE ESFORÇO**

Durante o mês rezar diariamente a invocação do Espírito Santo, como memória das promessas do Baptismo.

### **PARA APROFUNDAR**

Catecismo da Igreja Católica, 1210-1419

### **ORAÇÃO FINAL**

Espírito Santo de Deus,  
Consagro-te hoje todo o meu ser,  
Vontade, inteligência,  
Memória, imaginação e afetividade.  
Conduz-me pelos teus caminhos,  
Guia-me com a tua sabedoria  
Para a vida plena de Jesus.  
Cria em mim um coração puro e humilde,  
Mas que tenha a ousadia  
E o ardor dos mártires.  
Enche-me com os teus dons,  
Santifica-me com os teus frutos.  
Restaura todo o meu viver,  
Para que eu seja um canal do teu amor.

Ámen

**PONTO DE ESFORÇO** \_\_\_\_\_

**PRÓXIMA REUNIÃO** \_\_\_\_\_



**“FÁTIMA”**

MAIO

# FÁTIMA

Para este mês, não podíamos deixar de abordar este tema tão querido do Nosso Movimento, Maria. Desta vez, falaremos das aparições de Nossa Senhora em Fátima, um lugar que as Equipas têm muitas devoção, pelas inúmeras peregrinações e Encontros Nacionais que têm marcado tanto a vida de cada um dos equipistas! Ao longo deste tema, iremos perceber que esta marca que Nossa Senhora nos deixa – através do Santuário - não é por mero acaso...

Iremos, num primeiro ponto abordar as aparições e contextualizá-las no âmbito da Igreja, e numa segunda parte, abordaremos a Mensagem de Fátima, aprofundando-a através de alguns pontos essenciais: o apelo à fé e à oração, o pecado e a sua reparação.

É de conhecimento geral as inúmeras aparições e sinais sobrenaturais que já aconteceram na História, que influenciam o desenrolar dos acontecimentos humanos e acompanham o caminho do mundo, surpreendendo crentes e descrentes. Estas manifestações, não podem contradizer o conteúdo da fé, mas sim convergir para as razões da nossa fé, complementando a Boa Nova anunciada por Jesus Cristo! Neste sentido, a mensagem de Fátima, com o seu forte apelo à conversão e à penitência, leva-nos, sem dúvida, ao coração do Evangelho.

A “Mensagem de Fátima” é mais uma “revelação particular”, reconhecida pela hierarquia da Igreja, que nos vem lembrar este caminho da salvação, plenamente revelado e realizado em Jesus Cristo. Neste sentido, *“Deus explicita, através de personagens escolhidas, num determinado contexto histórico, a urgência de voltar a Jesus Cristo, único caminho de salvação. Mostrar a vontade de Deus, no tempo presente, é o aspecto essencial da profecia na Igreja. (...) Compreender a incidência de Jesus Cristo e do mistério da salvação num tempo histórico concreto é, no fundo, ler os “sinais dos tempos”, obrigação contínua da Igreja.”* (in Anexo II dos Estatutos do Santuário de Fátima)

Na congregação para a Doutrina da Fé, Joseph Ratzinger refere-nos que *“o critério para medir a verdade e o valor de uma revelação privada é a sua orientação para o próprio Cristo”* (RATZINGER, Joseph – A Mensagem de Fátima. Roma: Congregação para a Doutrina da Fé, 2000, p. 34). Em 1982, um ano após o atentado, na primeira visita do Papa João Paulo II a Fátima, refere que *“se a Igreja aceitou a mensagem de Fátima é sobretudo porque ela contém uma verdade e um chamamento, que no seu conteúdo fundamental, são a verdade e o chamamento do próprio Evangelho”*. (João Paulo II, 13 de Maio de 1982, Portugal). Fátima é, sem dúvida, uma aparição moderna e profética. A primeira e a segunda parte do «segredo», que são publicadas juntamente com a terceira parte, falam-nos da pavorosa visão do inferno, da devoção ao Imaculado Coração de Maria, da segunda guerra mundial, e depois ao prenúncio dos danos imensos que a Rússia, com a sua defecção da fé cristã e adesão ao totalitarismo comunista, haveria de causar à humanidade.



## Apelo à fé e à oração

O primeiro apelo que Deus dirige aos três pastorinhos, através do Anjo da Guarda (primeira aparição em 1916, no Monte do Cabeço) é um apelo à Fé: *“Meu Deus, Eu creio!”* (Início da oração ensinada pelo Anjo aos três pastorinhos ), pois é pela fé que aquelas três crianças se encontram ali reunidas a ouvir o Anjo.

É pela fé que acreditamos na existência de Deus e onde assenta toda a vida espiritual. É pela fé que os pastorinhos reconhecem no Anjo a certeza da presença de Deus. É pela fé que reconhecemos em Deus o Seu poder, a Sua sabedoria, a Sua misericórdia, o Seu perdão, o Seu amor por cada um de nós. É pela fé que nos entregamos e nos confiamos ao Amor de Deus.

Nesta primeira aparição, o Anjo pede aos pastorinhos: *“Orai comigo”*. A presença deste pedido de oração é constante em todas as aparições do Anjo. Na segunda aparição, o Anjo insiste novamente: *“Que fazei? Orai, orai muito. Os corações Santíssimos de Jesus e Maria têm sobre vós desígnios de misericórdia. Oferecei constantemente, ao Altíssimo, orações e sacrifícios.”* Na terceira aparição, o Anjo ensina aos pastorinhos uma das mais belas orações:

*“Santíssima Trindade, Padre, Filho Espírito Santo, adoro-Vos profundamente e ofereço-Vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os sacrários da Terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças como que Ele mesmo é ofendido. E pelos méritos infinitos do Seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores.”*

Sobre estes momentos fortes com o Anjo, que apelavam à oração, a Irmã Lúcia, nas suas Memórias, retrata pormenorizadamente a forma como se sentiam:

*“Levados pela força do sobrenatural que nos envolvia, imitávamos o Anjo em tudo, prostrando-nos como Ele e repetindo as orações que Ele dizia. A força da presença de Deus era tão intensa que nos absorvia e aniquilava quase por completo (...) Nesses dias, fazíamos as acções materiais como que levados por esse mesmo ser sobrenatural que a isso nos impelia. A paz e felicidade que sentíamos era grande, mas só íntima completamente concentrada a alma em Deus. O abatimento físico, que nos prostrava, também era grande.”*

Esta descrição da Irmã Lúcia permite-nos perceber a importância da oração na vida diária dos pastorinhos, nas suas tarefas, mas também na forma mais plena com que viviam e sentiam tudo aquilo que acontecia. Nas aparições de Nossa Senhora, a oração é também recomendada, em especial o Terço:

*“Rezem o terço todos os dias, para alcançarem a paz para o mundo e o fim da guerra” (1ª aparição)*

*“Quero que venham aqui no dia 13 do mês que vem, que continuem a rezar o terço todos os dias, em honra de Nossa Senhora do Rosário, para obter a paz no mundo e o fim da guerra, porque só Ela lhes poderá valer” (3ª aparição)*

*“Quero dizer-te que façam aqui uma capela em Minha honra, que sou a Senhora do Rosário, que continuem a rezar o terço todos os dias.” (6ª aparição)*

Em todas as Suas aparições, Nossa Senhora faz questão de lembrar a importância da oração, neste caso, a do Santo Rosário. Esta recitação, não deverá ser mecânica, deverá, pois, ser acompanhada de meditação dos Mistérios da Vida, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo.

O Papa Paulo VI, na Encíclica “*Marialis Cultus*” explica que a contemplação é um elemento essencial na oração do Terço e que sem esta, o Rosário «*é um corpo sem alma e a sua recitação corre o perigo de se tornar uma repetição mecânica de fórmulas e de vir a achar-se em contradição com a advertência de Jesus: “Nas vossas orações, não sejais como os gentios, que usam de vãs repetições, porque pensam que, por muito falarem, serão atendidos”*» (Mt. 6, 7) (in Teologia de Fátima, Pe. Luís Kondor)

Nossa Senhora, numa das Suas aparições, revelou a importância desta meditação dos mistérios no Rosário: “*(...) diz que todos aqueles que durante 5 meses, ao 1º sábado, se confessarem, recebendo a Sagrada Comunhão, rezarem o Terço e Me fizerem 15 minutos de companhia, meditando nos 15 mistérios do Rosário, com o fim de me desagrar, Eu prometo assistir-lhes, na hora da morte, com todas as graças necessárias para a salvação dessas almas*”.

### **O pecado e a sua reparação**

A realidade do pecado está bastante presente na Mensagem de Fátima, no sentido em que a humanidade necessita de salvação. É o “*fundo negro onde brilham os designios amorosos de Deus, através do Coração Imaculado de Maria*” (in Teologia de Fátima, Pe. Luís Kondor), que não é escondido, existe e por isso deve ser mostrada, ainda que seja uma triste e dolorosa realidade. Nas Memórias da Irmã Lúcia, são inúmeras as referências a este tema:

*“Desta aparição, as palavras que mais se me gravaram no coração foi o pedido de Nossa Santíssima Mãe do Céu: - Não ofendam mais a Deus Nosso Senhor, que já está muito ofendido (...)”*

Sendo o pecado uma ofensa a Deus e uma privação da glória de Deus, por ser causa do sofrimento de Cristo e Maria, exige reparação. Na mensagem de Fátima, esta reparação dos pecados surge sob a forma de sacrifícios que os pastorinhos faziam como penitência: “*Disse que nos emendássemos, que não ofendêssemos Nosso Senhor, que estava muito ofendido, que rezássemos o terço e pedíssemos perdão dos nossos pecados*”.

Cientes de que era necessário fazer sacrifícios pelos pecadores, os pastorinhos perguntaram ao Anjo: *“Como nos havemos de sacrificar?”* E o Anjo responde *“De tudo o que pudesdes, oferecei um sacrifício em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores”*. Os sacrifícios que somos chamados a fazer poderão ser espirituais, morais, físicos, intelectuais ou materiais, dependendo da circunstância de cada um e podendo, em alguns momentos, oferecer uns ou outros. O que importa realmente é aproveitar as ocasiões que se nos deparam e saber sacrificar quando é necessário para cumprir os nossos deveres com Deus e com os outros. Este caminho de exigência conosco próprios e na nossa relação com Deus, bem como com aqueles que nos rodeiam, é de facto o caminho para a salvação. A renúncia ou a penitência não deverá ser encarada como uma privação mas sim como uma opção de caminho que deverá ser tomada, junto com Deus que nos guiará neste caminho da salvação.

### **PONTOS DE DISCUSSÃO**

1. *“Deus explicita, através de personagens escolhidas, num determinado contexto histórico, a urgência de voltar a Jesus Cristo, único caminho de salvação. Mostrar a vontade de Deus, no tempo presente, é o aspecto essencial da profecia na Igreja.”* Tinha percepção da importância das aparições de Fátima neste contexto da profecia da Igreja, reforçando e relembrando que é fundamental “voltar a Jesus Cristo”?

2. *“A força da presença de Deus era tão intensa que nos absorvia e aniquilava quase por completo (...) Nesses dias, fazíamos as acções materiais como que levados por esse mesmo ser sobrenatural que a isso nos impelia. A paz e felicidade que sentíamos era grande, mas só íntima completamente concentrada a alma em Deus.”* Já tive alguma experiência espiritual de consolação forte? Que sentimentos surgiram em mim? Partilho sobre essa experiência marcante.

3. *“Os sacrifícios que somos chamados a fazer poderão ser espirituais, morais, físicos, intelectuais ou materiais, dependendo da circunstância de cada um e podendo, em alguns momentos, oferecer uns ou outros.”* Na nossa vida espiritual todos somos chamados a fazer sacrifícios, que significa, oferecer algo sagrado a Deus. Compreendo a importância desta dimensão na minha relação com Deus?

### **PONTOS DE ORAÇÃO**

Meditação dos mistérios do terço.

### **PROPOSTA DE PONTO DE ESFORÇO**

Meditar e rezar o Terço todos os dias; ir em equipa a Fátima no dia 12/13 de Maio.

## **PARA APROFUNDAR**

Ler “As Memórias da Irmã Lúcia” e “Os apelos da Mensagem de Fátima”

## **ORAÇÃO FINAL**

**Oração a Nossa Senhora** / Capelinha das Aparições, Fátima 12 de Maio de 2010

Senhora Nossa  
e Mãe de todos os homens e mulheres,  
aqui estou como um filho  
que vem visitar sua Mãe  
e o faz na companhia  
de uma multidão de irmãos e irmãs.  
Como sucessor de Pedro,  
a quem foi confiada a missão  
de presidir ao serviço  
da caridade na Igreja de Cristo  
e de confirmar a todos na fé  
e na esperança,  
quero apresentar ao vosso  
Coração Imaculado  
as alegrias e esperanças  
e também os problemas e as dores  
de cada um destes vossos filhos e filhas,  
que se encontram na Cova da Iria  
ou nos acompanham de longe.  
Mãe amabilíssima,  
Vós conheceis cada um pelo seu nome,  
com o seu rosto e a sua história,  
e a todos quereis com  
a benevolência maternal  
que brota do próprio coração de Deus Amor.  
A todos confio e consagro a Vós,  
Maria Santíssima,  
Mãe de Deus e nossa Mãe.  
O Venerável Papa João Paulo II,  
que Vós visitou três vezes, aqui em Fátima,  
e agradeceu a «mão invisível»  
que o libertou da morte  
no atentado de treze de Maio,  
na Praça de São Pedro, há quase trinta anos,

quis oferecer ao Santuário de Fátima  
uma bala que o feriu gravemente  
e foi posta na vossa coroa de Rainha da Paz.  
É profundamente consolador  
saber que estais coroadas  
não só com a prata  
e o ouro das nossas alegrias e esperanças,  
mas também com a bala  
das nossas preocupações e sofrimentos.  
Agradeço, Mãe querida,  
as orações e os sacrifícios  
que os Pastorinhos  
de Fátima faziam pelo Papa,  
levados pelos sentimentos  
que lhes infundistes nas aparições.  
Agradeço também todos aqueles que,  
em cada dia,  
rezam pelo Sucessor de Pedro  
e pelas suas intenções  
para que o Papa seja forte na fé,  
audaz na esperança e zeloso no amor.  
Mãe querida de todos nós,  
entrego aqui no vosso Santuário de Fátima,  
a Rosa de Ouro  
que trouxe de Roma,  
como homenagem de gratidão do Papa  
pelas maravilhas que o Onipotente  
tem realizado por Vós  
no coração de tantos que peregrinam  
a esta vossa casa maternal.  
Estou certo que os Pastorinhos de Fátima,  
os Beatos Francisco e Jacinta  
e a Serva de Deus Lúcia de Jesus  
nos acompanham nesta hora de prece e de júbilo.

**PONTO DE ESFORÇO** \_\_\_\_\_

**PRÓXIMA REUNIÃO** \_\_\_\_\_



**“REDEÇÃO”**

JUNHO

# REDENÇÃO

*“O Redentor do homem, Jesus Cristo, é o centro do cosmos e da história. Para Ele se dirigem o meu pensamento e o meu coração nesta hora solene da história, que a Igreja e a inteira família da humanidade contemporânea estão a viver.”*

(S. João Paulo II)

A primeira Encíclica do Papa João Paulo II, começa com estas palavras que nos centram na Missão de Jesus Cristo, ele é o redentor do Homem porque a sua missão é libertar o homem, é salvar o homem do pecado e restitui-lo á verdadeira liberdade. Somos redimidos na medida em que somos capazes de olhar para a nossa história e perceber qual a vontade de Deus e qual o plano que Deus tem para a nossa vida.

Jesus Cristo, Filho de Deus, encarnou no seio da Virgem Maria e fez-se Homem para nos salvar e nos conduzir à vida divina. Pela Sua Paixão, Ele entregou-se por cada um de nós e ressuscitou ao terceiro dia para nos dar a vida que não tem fim. Hoje, Ele permanece e a sua obra continua presente na Igreja através dos sacramentos. Os sacramentos da Igreja tornam presentes as palavras e os gestos salvíficos de Jesus para nos dar a vida de Deus. Os sacramentos instituídos por Jesus são sete: o Baptismo, a Confirmação, a Eucaristia, a Penitência, a Unção dos Enfermos, a Ordem e o Matrimónio. Estes sacramentos abrangem todas as etapas da nossa vida e dão sentido aos momentos mais cruciais da vida de um cristão. O Senhor Jesus é o médico das nossas almas e dos nossos corpos. Ele perdoou os pecados ao parálítico e restitui-lhe a saúde do corpo (Mc 2, 1-12). Ele hoje deseja que a sua Igreja continue a sua obra de cura e salvação através da força do Espírito Santo. É este o sentido dos dois sacramentos da cura: A penitência ou reconciliação e a unção dos enfermos.

Neste tema olhamos para a Redenção também na sua forma sacramental e por isso olhamos para os sacramentos de cura: a Santa Unção e a Penitência.

## **O dom do Sacramento da Unção dos Enfermos... Porquê?**

O Sacramento da Unção dos Enfermos vem em auxílio do cristão confrontado com as dificuldades de uma doença grave ou com as limitações da idade avançada. Pode-se receber este sacramento da unção sempre que se é acometido por uma doença grave ou pela idade avançada.

Assim sendo, o cristão confrontado com uma doença grave ou com as dificuldades de saúde, próprias da idade avançada ou quando é submetido a uma operação de risco deverá solicitar aos presbíteros este sacramento.

### Quando se deve receber este sacramento?

Em plena consciência e lucidez, ainda antes de perder a consciência. Não se trata da extrema unção mas sim de um sacramento dos vivos que vem em auxílio daqueles que

padecem uma doença grave (para os moribundos o sacramento próprio é a comunhão do Corpo de Cristo em forma de viático). Este sacramento pode receber-se sempre que haja uma recaída do estado de doença, uma inquietação ou uma nova doença grave.

### **O Sacramento da Penitência e da Reconciliação**

«Na tarde da Páscoa, o Senhor Jesus apareceu aos seus Apóstolos e disse-lhes: “Recebei o Espírito Santo: àqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados; e àqueles a quem os retiverdes ser-lhes-ão retidos”» (Jo 20,22-23).

Aqueles que se aproximam do sacramento da Penitência obtêm da misericórdia de Deus o perdão da ofensa a Ele feita e, ao mesmo tempo, são reconciliados com a Igreja, que tinham ferido com o seu pecado, a qual, pela caridade, exemplo e oração, trabalha pela sua conversão.

### **Como se chama este Sacramento?**

É chamado sacramento da conversão, porque realiza sacramentalmente o apelo de Jesus à conversão; sacramento da Penitência, porque consagra uma caminhada pessoal e eclesial de conversão, de arrependimento e de satisfação por parte do pecador; sacramento da confissão, porque a confissão dos pecados perante o sacerdote é um elemento essencial deste sacramento; sacramento do perdão, porque Deus concede o perdão e a paz ao penitente pela absolvição sacramental do sacerdote; sacramento da Reconciliação, porque dá ao pecador o amor de Deus que reconcilia.

### **Porquê um Sacramento da Reconciliação depois do Baptismo?**

Porque a conversão a Cristo, o novo nascimento do Baptismo, o dom do Espírito Santo, o corpo e sangue de Cristo recebidos em alimento, tornaram-nos «santos e imaculados na sua presença» (Ef 1,4), mas essa vida nova recebida na iniciação cristã não suprime a fragilidade e a fraqueza da natureza humana, nem a inclinação para o pecado (*a concupiscência*), a qual persiste nos baptizados, a fim de que prestem as suas provas no combate da vida cristã, ajudados pela graça de Cristo. Este combate é o da conversão, em vista da santidade e da vida eterna, a que o Senhor não se cansa de nos chamar. Este esforço de conversão não é somente obra humana. É o movimento do coração contrito, atraído e movido pela graça para responder ao amor misericordioso de Deus, que nos amou primeiro.

### **Em que consiste este Sacramento?**

O sacramento da Penitência inclui dois elementos igualmente essenciais: por um lado, os actos do homem que se converte sob a acção do Espírito Santo, a saber, a contrição, a confissão e a satisfação; por outro lado, a acção de Deus pela intervenção dos sacerdotes da Igreja, que concedem, em nome de Jesus Cristo, a absolvição, ou perdão dos pecados, e fixam o modo da satisfação. É muito conveniente que a recepção deste sacramento seja preparada por um cuidadoso exame de consciência, feito à luz da Palavra de Deus.



### 1. A contrição

A contrição, ou arrependimento, implica a dor e aversão em relação aos pecados cometidos, e o propósito firme de não tornar a pecar no futuro. Na celebração do sacramento da Penitência, a contrição, enquanto estado e atitude interior do penitente, deve ser verbalizada perante o sacerdote confessor através da recitação do *"acto de contrição"* (vd. infra).

### 2. A confissão

A confissão (acusação) dos pecados, mesmo de um ponto de vista simplesmente humano, liberta-nos e facilita a nossa reconciliação com os outros. Pela confissão, o homem encara de frente os pecados de que se tornou culpado, assume a sua responsabilidade e, desse modo, abre-se de novo a Deus e à comunhão da Igreja, para tornar possível um futuro diferente.

Os penitentes devem, na confissão, enumerar todos os pecados graves que ainda não tiverem confessado e de que se lembrem depois de terem examinado cuidadosamente a sua consciência, mesmo que tais pecados sejam secretíssimos, porque «se o doente tem vergonha de descobrir a sua ferida ao médico, a medicina não pode curar o que ignora» (São Jerónimo). A confissão dos pecados veniais (faltas quotidianas), sem ser estritamente necessária, é contudo vivamente recomendada pela Igreja.

### 3. A satisfação

A absolvição tira o pecado, mas não remedeia todas as desordens por ele causadas no pecador e, muitas vezes, com prejuízo para o próximo. Com o fim de reparar o mal causado pelo pecado e restabelecer os hábitos próprios de um discípulo de Cristo, o sacerdote impõe ao penitente o cumprimento de certos actos de *satisfação* ou *penitência*, tendo em conta a situação pessoal do penitente e a gravidade e natureza dos pecados cometidos.

### 4. A absolvição do sacerdote

O sacerdote confessor não é "dono", mas servidor do perdão de Deus, conduzindo o penitente com paciência e amor para a cura e a maturidade plena. Todo o sacerdote que houve confissões está obrigado a guardar segredo absoluto sobre os pecados que os seus penitentes lhe confessaram, sob penas severíssimas. Este segredo, que não admite excepções, é chamado sigilo sacramental, porque aquilo que o penitente manifestou ao sacerdote fica «selado» pelo sacramento.

A fórmula de absolvição exprime os elementos essenciais deste sacramento: *«Deus, Pai de misericórdia, que, pela morte e ressurreição de seu Filho, reconciliou o mundo consigo e enviou o Espírito Santo para a remissão dos pecados, te conceda, pelo ministério da Igreja, o perdão e a paz. E eu te absolvo dos teus pecados, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo»*.

## Os efeitos deste Sacramento

Os efeitos espirituais do sacramento da Penitência são:

- A reconciliação com Deus, pela qual o penitente recupera a graça;
- A reconciliação com a Igreja;
- A remissão da pena eterna, em que incorreu pelos pecados mortais (pecados graves);
- A remissão, ao menos em parte, das penas temporais, consequência do pecado;
- A paz e a serenidade da consciência e a consolação espiritual;
- O acréscimo das forças espirituais para o combate cristão.

## Alguns aspectos disciplinares deste Sacramento

Todo o fiel que tenha atingido a idade da discipulação, está obrigado a confessar fielmente os pecados graves, ao menos uma vez ao ano (de preferência pela Páscoa da Ressurreição). O pecado que não é mortal, ou grave, chama-se pecado venial, ou leve.

Aquele que tem consciência de haver cometido um pecado mortal, não deve receber a sagrada Comunhão, mesmo que tenha uma grande contrição, sem ter previamente recebido a absolvição sacramental. Para que um pecado seja mortal, requerem-se, em simultâneo, três condições:

1. Ter por objecto uma matéria grave, isto é, contrária aos dez Mandamentos;
2. Ser cometido com plena consciência, isto é, sabendo que o acto em questão é pecaminoso;
3. Ser cometido com total consentimento, isto é, por uma opção pessoal deliberada.

Os Sacramentos, são o sinal visível da redenção, como redimidos de modo particular quando vivemos com fé e participamos na vida sacramental da Igreja. Podemos afirmar que o primeiro sacramento é o próprio Cristo, é Ele que age e actua nos sacramentos. Voltando a S. João Paulo II na sua primeira encíclica: "O II Concílio do Vaticano ensina: «Na realidade, só no mistério do Verbo Encarnado se esclarece verdadeiramente o mistério do homem. Adão, de facto, o primeiro homem, era figura do futuro (Rom 5, 14), isto é, de Cristo Senhor. Cristo, que é o novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu Amor, *revela também plenamente o homem ao mesmo homem e descobre-lhe a sua vocação sublime*». E depois, ainda: «Imagem de Deus invisível (Col 1, 15), Ele é o homem perfeito, que restitui aos filhos de Adão a semelhança divina, deformada desde o primeiro pecado. Já que n'Ele a natureza humana foi assumida, sem ter sido destruída, por isso mesmo também em nosso benefício ela foi elevada a uma dignidade sublime. Porque, pela sua Encarnação, Ele, o Filho de Deus, *uniu-se de certo modo a cada homem*. Trabalhou com mãos de homem, pensou com uma mente de homem, agiu com uma vontade de homem e amou com um coração de homem. Nasceu da Virgem Maria, Ele tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, excepto no pecado». Ele, o Redentor do homem." *Redemptor Hominis*

## PONTOS DE DISCUSSÃO

1. A Importância para a vida Cristã dos sacramentos como sinal de redenção, de modo especial os sacramentos de cura.
2. Como encaro a Unção dos doentes? Percebemos e damos testemunho de que é um sacramento que está desaproveitado e que muitas vezes ainda é vivido como Extrema Unção? E que se espera pela quase morte para o receber?
3. O sacramento da reconciliação, como encaramos este sacramento? O Papa Francisco tem insistido na misericórdia de Deus, será que aproveitamos as graças do Sacramento?
4. Será que procuramos de facto conhecer o que nos é proposto como caminho de santidade através do sacramento da reconciliação?

## PONTOS DE ORAÇÃO

### Meditar uma das Parábolas de Misericórdia

"No capítulo 15 de São Lucas -, Jesus narra as três "parábolas da misericórdia". Quando Ele "fala, nas suas parábolas, do pastor que vai atrás da ovelha perdida, da mulher que procura a dracma, do pai que sai ao encontro do filho pródigo e o abraça, não se trata apenas de palavras, mas constituem a explicação do seu próprio ser e agir" (Deus caritas est, 12). De fato, o pastor que volta a encontrar é o próprio Senhor que carrega nos ombros, com a Cruz, a humanidade pecadora, para redimi-la. O filho pródigo, na terceira parábola, é um jovem que, recebida a herança do pai, "partiu para um lugar distante. E ali esbanjou tudo numa vida desenfreada" (Lc 15, 13). Ao cair na miséria, viu-se obrigado a trabalhar como um escravo, aceitando inclusive matar a fome com comida destinada aos animais. "Então - diz o Evangelho - caiu em si" (Lc 15, 17). "As palavras que prepara para a volta nos permitem conhecer o alcance da sua peregrinação: ele volta a 'casa', a si mesmo, ao pai" (Bento XV, *Jesus de Nazaré*, 2007). "Vou voltar para meu pai e dizer-lhe: Pai, pequei contra Deus e contra ti; já não mereço ser chamado teu filho" (Lc 15, 19-19). Santo Agostinho escreve: "É o próprio Verbo que grita, para que voltes; o lugar da tranquilidade imperturbável se encontra onde o amor não experimenta o abandono" (*Confissões*, IV, 11.16). "Quando ainda estava longe, seu pai o avistou e sentiu compaixão. Correu-lhe ao encontro, abraçou-o e cobriu-o de beijos" (Lc 15,20) e, repleto de alegria, pediu que preparassem uma festa.

Queridos amigos, como não abrir nosso coração à certeza de que, ainda que sejamos pecadores, somos amados por Deus? Ele jamais se cansa de vir ao nosso encontro, de ser o primeiro em percorrer o caminho que nos separa dele. O livro do Êxodo nos mostra como Moisés, com uma súplica confiante e audaz, conseguiu, por assim dizer, tirar Deus do trono do juízo e colocá-lo no trono da misericórdia (cf.32,7-11.13-14 ). O arrependimento é a medida da fé e graças a isso se retorna à Verdade. O apóstolo Paulo escreve: "Encontrei misericórdia, porque agia com a ignorância de quem não tem fé" (1 Tm 1, 13). Voltando à parábola do filho que volta a "casa", experimentamos que, quando o filho maior aparece, in-

dignado pelo acolhimento festivo oferecido ao irmão, o pai também vai ao seu encontro para suplicar-lhe: "Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu" (Lc 15, 31). Só a fé pode transformar o egoísmo em alegria e voltar restabelecer as relações adequadas com o próximo e com Deus. "Era preciso festejar e alegrar-nos - diz o pai - porque este teu irmão (...) estava perdido, e foi encontrado" (Lc 15,32)." *Papa Emerito Bento XVI*.

## **PROPOSTA DE PONTO DE ESFORÇO**

Ler um dos textos de S. João Paulo II: Redemptor Hominis, Redemptoris Mater, ou Reconciliatio et Paenitentia.

## **PARA APROFUNDAR**

Catecismo da Igreja Católica, 1420-1525

Youcat, 224 a 239; 240 a 247

Redemptor Hominis

Redemptoris Mater

Reconciliatio et Paenitentia

## **ORAÇÃO FINAL**

### **Oração da Jornada Mundial da Juventude 2013**

Ó Pai, enviaste o Teu Filho Eterno para salvar o mundo e escolheste homens e mulheres para que, por Ele, com Ele e nele, proclamassem a Boa-nova a todas as nações. Concede as graças necessárias para que brilhe no rosto de todos os jovens a alegria de serem, pela força do Espírito, os evangelizadores de que a Igreja precisa no Terceiro Milénio.

Ó Cristo, Redentor da Humanidade, a Tua imagem de braços abertos no alto do Corcovado acolhe todos os povos. Em Tua oferta pascal, nos conduziste pelo Espírito Santo ao encontro filial com o Pai. Os jovens, que se alimentam da Eucaristia, Te ouvem na Palavra e Te encontram no irmão, necessitam de Tua infinita misericórdia para percorrer os caminhos do mundo como discípulos-missionários da nova evangelização.

Ó Espírito Santo, Amor do Pai e do Filho, com o esplendor da Tua Verdade e com o fogo do Teu Amor, envia Tua Luz sobre todos os jovens para que, impulsionados pela Jornada Mundial da Juventude, levem aos quatro cantos do mundo a fé, a esperança e a caridade, tornando-se grandes construtores da cultura da vida e da paz e os protagonistas de um mundo novo.

**PONTO DE ESFORÇO** \_\_\_\_\_

**PRÓXIMA REUNIÃO** \_\_\_\_\_



## “BALANÇO”

JULHO

## BALANÇO

Tal como os anos anteriores, achamos importante que esta reunião antes das férias do verão seja dedicada ao balanço do último ano. É muito importante parar e olhar para o ano que passou, a fim de que a equipa possa evoluir nos próximos anos. À semelhança das outras reuniões, nesta também é preciso preparar bem, avaliando com verdade todos os pontos propostos. E, no fim, não nos podemos esquecer daquilo que nos traz aqui todos os meses: conhecer e amar Jesus Cristo, que se torna presente na minha vida e nos outros à minha volta. Avalio se as reuniões foram úteis vendo os frutos que dão na minha vida: se aumentaram o meu amor a Jesus e à Igreja; se eu participo mais no Movimento e dou algo em troca do que recebo. Se estimulam a dar testemunho de Jesus àqueles que estão à minha volta e me ajudam a dar uma resposta de fé às questões que me são postas na vida do dia-a-dia.

### Tema

Neste Caderno é proposto aprofundar o que é, verdadeiramente, ser-se cristão. Foi muito difícil 'entrar' em cada tema e achei que aquilo não tinha nada a ver comigo? Ou, pelo contrário, aprendi e procurei saber ainda mais sobre aquilo que me estava a ser proposto, dedicando por isso mais estudo e tempo aos temas? Consigo identificar o desafio que cada um dos temas traz à minha vida?

### Oração

Em cada tema havia sempre pontos de oração para o mês. Ajudou-me a aprofundar a minha relação com Jesus? Rezámos sempre nas reuniões? Rezei pela Equipa durante o ano? Aproveitei a Bíblia para fazer orações? Pedimos a intercessão de Nossa Senhora nas orações?

### Partilha

Preparo a minha partilha? Limito-me a relatar o mês ou vou ao fundo da questão que me traz ali? Como é que a encaro? Como uma parte importante para toda a Equipa ou apenas como a parte de saber as curiosidades de cada um? Levei a minha partilha a sério, ou ainda me custa partilhar com os outros, porque não me sinto à vontade? Todos partilharam e ouviram os outros com interesse ou deixámos sempre a partilha para o fim e eram mais os que estavam a dormir do que os acordados?

### Ponto de Esforço

Esforcei-me por definir pontos de esforço exigentes mas possíveis?

Empenhei-me para os cumprir, ou esqueci-me? Partilhei sempre se cumpri ou não?

O ponto de esforço serviu-me para aplicar os conhecimentos que ganhei ao debater algum dos temas, fazendo-me crescer como cristão, no amor a Deus e aos outros?

## **Movimento**

Neste ano fiz por me lembrar que as Equipas de Jovens de Nossa Senhora são mais que a minha Equipa? Fiz por participar nas actividades nacionais, internacionais e do meu sector? Desafiei a minha Equipa a participar? Tenho consciência de que a minha participação nas actividades é importante na medida em que o meu compromisso com o movimento sugere que o meu compromisso com os outros? Ao ser um equipista estou consciente de que este é um caminho de viver a Fé em Igreja?

## **PROPOSTA DE PONTO DE ESFORÇO**

Aproveitar os quase dois meses de Verão em que não há reunião para fazer alguma coisa diferente em Equipa.

Rezar pelas Equipas do mundo inteiro, principalmente as da Síria e do Líbano.

Ler um livro que aprofunde alguns temas da fé ou uma carta do Papa ou o Evangelho do dia, etc.

Rezar todos os dias o Magnificat, que é a oração oficial das EJNS.

## **ORAÇÃO FINAL**

O que te peço, Senhor, é a graça de ser.

Não te peço mapas, peço-te caminhos

O gosto dos caminhos recomeçados,  
com as suas surpresas, as suas mudanças, a sua beleza.

Não te peço coisas para segurar,

mas que as minhas mãos vazias

se entusiasmem na construção da vida.

Não te peço que pares o tempo na minha imagem predilecta,

mas que ensines os meus olhos a encarar cada tempo

como uma nova oportunidade.

Afasta de mim palavras,

que servem apenas para evocar cansaços, desânimos, distâncias.

Que eu não pense saber já tudo acerca de mim e dos outros.

Mesmo quando eu não posso ou quando não tenho,

sei que posso ser, ser simplesmente.

É isso que te peço, Senhor:

a graça de ser de novo.

Pe. José Tolentino de Mendonça

**PONTO DE ESFORÇO** \_\_\_\_\_

**PRÓXIMA REUNIÃO** \_\_\_\_\_



**“A VIDA  
CONSAGRADA”**

SETEMBRO



## A VIDA CONSAGRADA

Todos os anos no dia 2 de Fevereiro, por ocasião de Nossa Senhora das Candeias, celebra-se o Dia dos Consagrados. Nesta festa celebramos de modo particular a vida de tantos homens e mulheres que se entregam totalmente à Pessoa de Jesus, para se dedicarem ao serviço dos outros na Igreja e no mundo. O Papa Francisco quis ir ainda mais longe na atenção que se dá aos consagrados, instituindo 2015 como o Ano da Vida Consagrada.

### O que é a vocação consagrada?

No número 13 do documento *Perscrutai*, publicado recentemente pela Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, diz-se que os consagrados são “sentinelas” que mantêm vivo no mundo o desejo de Deus, despertando no coração de todos a sede de infinito. Também no número 1 da Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Vita Consecrata* lemos: “Ao longo dos séculos, nunca faltaram homens e mulheres que, dóceis ao chamamento do Pai e à moção do Espírito, escolheram este caminho de especial seguimento de Cristo, para se dedicarem a Ele de coração «indiviso» (cf. 1 Cor 7,34). Também eles deixaram tudo, como os Apóstolos, para estar com Cristo e colocar-se, como Ele, ao serviço de Deus e dos irmãos.”

Na Igreja Católica existem inúmeras formas de consagração religiosa. Todas elas, para além do carisma de cada uma, caracterizam-se por coordenadas comuns. Professam os conselhos evangélicos de pobreza, castidade e obediência, vivem em comum e sobretudo dão testemunho de uma profunda alegria.

1. A pobreza, tanto espiritual como material, é um caminho que marca a vida de todos os consagrados. Por opção, praticam a simplicidade de vida, colocando todos os seus bens ao serviço dos outros e adquirindo apenas os bens indispensáveis à realização da missão do próprio instituto.

2. Professando o voto da castidade, o religioso opta pela vida célibe, entregando-se a Deus com um coração indiviso, deixando-se amar por Ele e sendo para o mundo instrumento do Seu amor. Deste modo, o consagrado vive com total disponibilidade para servir e amar a todos, sem exceção nem aceção de pessoas.

3. Pelo voto de obediência, o consagrado concretiza e torna efetiva a sua pertença exclusiva a Deus, o seu seguimento fiel a Jesus e a sua obediência ativa e responsável ao Espírito Santo, na pessoa dos seus Responsáveis. Deste modo, coloca-se, com total disponibilidade, ao serviço de Deus e dos irmãos, em fidelidade ao seu carisma e à sua missão particular.

4. A vida em comum constitui uma experiência permanente de assembleia cristã. No mosteiro, no convento ou na comunidade todos são irmãos, todos são iguais, todos se preocupam uns pelos outros, mas cada um tem a sua vocação e a sua função ao serviço de projetos comuns, identificados com o carisma.

A Igreja confia às comunidades de vida consagrada a missão particular de fazerem crescer a espiritualidade da comunhão, primeiro no seu seio e depois na própria comunidade eclesial. Situadas no meio do mundo no seio de sociedades tantas vezes marcadas por interesses que dividem e fragmentam mais do que unem, as comunidades de vida consagrada, nas quais se encontram, como irmãos e irmãs, pessoas de diversas idades, línguas e culturas, aparecem como um sinal de um diálogo sempre possível e de uma comunhão que não anula as diferenças. Neste sentido, a Vida fraterna é já profecia em ato, numa sociedade que, às vezes sem se dar conta, anseia profundamente por uma fraternidade sem fronteiras.

A alegria pascal é o sinal exterior da consagração religiosa. Dentro das limitações humanas, nas preocupações do dia-a-dia, os consagrados e as consagradas vivem a fidelidade, dão razão da alegria que vivem, convertem-se em testemunho de esperança, em companhia e proximidade para com as mulheres e homens do nosso tempo que procuram na Igreja luz e força para a sua vida de cada dia.

Os consagrados realizam a sua vocação segundo matizes próprios, de acordo com o carisma do Fundador e com as constituições próprias da sua congregação ou instituto de Vida Consagrada. Os Fundadores, tendo escutado o Espírito Santo e os sinais dos tempos numa época histórica concreta, procuraram dar resposta a uma necessidade particular do seu tempo. Recebendo de Deus um dom ou carisma específico, tentam vivê-lo e transmiti-lo a outros homens e mulheres que se entusiasмам pela construção do Reino através dessa mesma espiritualidade e carisma. Podemos recordar por exemplo Francisco de Assis, Teresa de Jesus, Inácio de Loyola, Vicente de Paulo, teresa de Calcutá, etc.

### **Como surgiu a Vida Consagrada?**

A Vida Consagrada tem as suas raízes no Antigo Testamento, mas é já na era cristã que encontramos os primeiros grandes modelos de consagração: homens e mulheres que procuravam viver bem de perto uma vida ao estilo de Jesus. Com Santo Antão vemos surgir o monacato do deserto como estilo de vida eremítica e solitária. Mais tarde surgem os primeiros grandes mosteiros que se guiavam na sua maioria pela regra de São Bento. Posteriormente, como resposta aos novos tempos e às suas exigências, nascem também os cónegos regulares, que buscavam a vida comum, a pobreza e o apostolado.

Mas o Espírito continuou a soprar, suscitando novos carismas no seio da Igreja. No século XIII surgem as ordens mendicantes como resposta às necessidades da evangelização na cidade. Vivendo em conventos nos centros urbanos, os frades e freiras dedicavam-se à oração, à pregação, à evangelização e ao serviço dos mais pobres. Os exemplos mais notáveis de mendicantes foram São Francisco de Assis e São Domingos de Gusmão, ambos fundadores de duas ordens mendicantes: os franciscanos e os dominicanos. Inaugurava-se assim um novo ciclo na Vida Consagrada, marcada principalmente pelo abandono da mística da “fuga do mundo” para a mística do “ser e estar no mundo”. Nesta mesma época surgiram os Mercedários, os Servos de Maria, os Carmelitas e os Agostinianos, desenvolvendo todos

eles um papel importante na reforma católica e na evangelização das Américas.

Nos séculos seguintes a Vida Consagrada viria a ser fortemente marcada pelo apostolado, e assistimos ao nascimento dos clérigos regulares e também da Companhia de Jesus. Surgem também inúmeras congregações leigas, como a dos irmãos das escolas cristãs de João Batista de La Salle.

Já no século XIX surge um grande número de institutos religiosos como os Claretianos, fundados por Santo António Maria Claret, os Salesianos de Dom Bosco, os Combonianos, etc. Nessa mesma época assistimos igualmente a um florescer na Vida Consagrada feminina: Irmãs do Sagrado Coração, Irmãs de Santana, Salesianas, Claretianas, Combonianas, etc.

Com a valorização da vocação laical, começaram a despontar no seio da Igreja também os “institutos seculares”, instituições de Vida Consagrada nas quais “os fiéis, a partir da sua atividade profissional e através de uma presença comprometida nas estruturas sociais e cívicas, se esforçam por contribuir, sobretudo a partir de dentro, para a santificação do mundo. É o caso da Companhia de São Paulo, o Instituto Schönstat, etc.

A partir dos anos 60, e à luz do Concílio Vaticano II, surgiu na Igreja um impulso crescente de renovação da Vida Consagrada. O decreto *Perfectae caritatis* propôs como critérios de renovação o retorno às fontes de toda a vida cristã e aos valores característicos de cada instituto, o remergulhar na Palavra de Deus e no carisma dos Fundadores, uma conveniente atenção aos «sinais dos tempos» e consequente adaptação às exigências das novas circunstâncias.

Recentemente têm surgido na Igreja novas formas de Vida Consagrada, referidas no Código de direito canónico (cânon 605) e no número 62 da exortação apostólica pós-sinodal *Vita consecrata*: “O Espírito que ao longo dos tempos suscitou numerosas formas de vida consagrada não cessa de assistir a Igreja, quer alimentando nos Institutos já existentes o esforço de renovação na fidelidade ao carisma original, quer distribuindo novos carismas a homens e mulheres do nosso tempo”. A originalidade destas novas comunidades consiste frequentemente no facto de se tratar de grupos compostos de homens e mulheres, de clérigos, de consagrados e de leigos, de casados e solteiros, que seguem um estilo particular de vida, inspirado às vezes numa ou noutra forma tradicional ou adaptado às exigências da sociedade atual. São exemplos de Novas Formas de Vida Consagrada a Fraternidade Missionária *Verbum Dei*, os Missionários e Missionárias *Identes*, etc.

O mesmo Espírito que ao longo dos tempos foi guiando a Igreja e suscitando novos carismas continuará certamente a abrir novos caminhos. De nós espera-se uma atitude de escuta e fidelidade criativa: “Quais ‘sentinelas’ que mantêm vivo no mundo o desejo de Deus (...), somos convidados a ser buscadores e testemunhas de projetos de Evangelho visíveis e

vitais. Homens e mulheres com fé forte, mas também com capacidade de empatia, de proximidade de espírito criativo e criador" (Perscrutai, 13).

Conscientes da riqueza que constitui, para a comunidade eclesial, o dom da vida consagrada na variedade dos seus carismas e das suas instituições, juntos damos graças a Deus por todos os homens e mulheres que se consagram a Deus. Maria, mulher fiel, renova e fortalece o seu SIM em cada dia.

### **PONTOS DE DISCUSSÃO**

1. Já alguma vez parei para pensar e agradecer a riqueza imensa da variedade de carismas e instituições que o Espírito Santo foi suscitando na Igreja ao longo da sua história?
2. Há algum carisma ou instituição com o qual me identifico mais ou que me toque de maneira especial? Porquê?
3. Que valorizo mais da sua missão?

### **PONTOS DE ORAÇÃO**

Para aprofundar o tema da Vocação Consagrada propomos uma leitura orante da passagem bíblica de 1 Sm 3, 1-10. Trata-se do chamamento de Samuel, um jovem que acabará por ter um papel decisivo na vida e na política do povo de Israel. Num princípio, Samuel não reconhece a voz de Deus, confunde-a com a voz de Eli. Pensa que é o sacerdote quem o chama a partir dos seus aposentos. Mas à terceira é de vez: o sacerdote percebe que se trata da voz de Deus e convida Samuel a responder com disponibilidade para escutar. Foi preciso a colaboração de alguém experiente para o ajudar a discernir a proveniência do chamamento!

Este texto ajuda-nos a compreender o essencial da vocação: Deus toma a iniciativa, aproxima-se, chama pelo nome, insiste segunda e terceira vez; Samuel deixa-se surpreender pelo chamamento, abre-se à novidade, deixa-se ajudar no discernimento, exprime disponibilidade: «Fala, Senhor, que o vosso servo escuta».

E eu? Como anda a minha escuta? Já me dispus a escutar o chamamento pessoal que Deus me faz a mim? Deixo-me ajudar nesse discernimento?

### **PROPOSTA DE PONTO DE ESFORÇO**

Há alguma congregação ou instituto de Vida Consagrada na tua cidade ou perto da tua casa que nunca visitaste e não conheces? Propõe-te fazer-lhe uma visita. Procura conhecer quem são os consagrados que aí vivem, a que se dedicam, pergunta-lhes como decidiram dar um SIM total a Deus e dedicar toda a sua vida a esse carisma.

Se não te for possível fazer uma visita, dedica algum do teu tempo a conhecer a história e o carisma dessa comunidade religiosa.

## **PARA APROFUNDAR**

YouCat , 145

Catecismo da Igreja Católica, 916,931,945

## **ORAÇÃO FINAL**

### **Oração do Abandono (Charles de Foucauld)**

Pai, ponho-me nas tuas mãos.  
Faz de mim o que quiseres.  
Venha o que vier, dou-te graças.

Estou disposto a tudo.  
Aceito tudo,  
com tal de que a tua vontade  
se cumpra em mim  
e em todas as criaturas.  
Não desejo nada mais.

confio-te a minha vida,  
entrego-ta  
com todo o amor de que sou capaz.

porque te amo e preciso de dar-me  
pôr-me nas tuas mãos sem medida,  
com infinita confiança  
porque tu és meu Pai.

**PONTO DE ESFORÇO** \_\_\_\_\_

**PRÓXIMA REUNIÃO** \_\_\_\_\_



**“FAMÍLIA E  
VIDA MATRIMONIAL”**

OUTUBRO

# FAMÍLIA E VIDA MATRIMONIAL

*"O meu coração já lá está"*

Conta-se que havia um monge, já velhinho, que estava a tentar subir uma montanha. A montanha era enorme e ele era velho e frágil. Muitas pessoas tentaram dizer-lhe para desistir, mas ele não desistia. Dizia-se que era impossível lá chegar, mas ele não desistia. Um dia alguém perguntou se ele acreditava mesmo que ia chegar ao cume. Respondeu que sabia que sim. Quando perguntaram como é que sabia, respondeu: "Porque o meu coração já lá está".

Mas o que é que a história de um monge e de uma montanha tem a ver com o casamento? Vamos então começar do início. Mesmo, mesmo do início!

## **Criou-os à sua imagem, criou-os homem e mulher**

Diz-nos a Bíblia que Deus criou o homem como culminar da criação do mundo. A Bíblia está cheia de pequenos detalhes que podem passar despercebidos mas que fazem toda a diferença e um dos primeiros está aqui. O texto diz que Deus criou primeiro a terra, **e viu que era boa**; depois criou a luz **e viu que era boa**; depois separou a terra do mar, **e viu que era bom**; depois criou a vegetação, e depois os animais, e viu que **tudo isto era bom**.

Depois lemos: "Deus disse: «Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre todos os répteis que rastejam pela terra.» **Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher.**"

E o que é que Deus conclui depois de ter criado o homem e a mulher? "Vendo toda a sua obra, considerou-a **muito boa**".

A narração diz que Deus criou o ser humano – Ele os criou homem e mulher. Portanto não é o homem, no sentido apenas masculino, que é a imagem de Deus, nem é a mulher que é a imagem de Deus. Segundo esta narrativa, quem é criado à imagem de Deus é **o casal**.

Mas qual é a imagem de Deus? Afinal de contas, toda a Bíblia existe para nos apresentar a imagem de Deus e no final, no Novo Testamento, São João consegue finalmente tirar a grande conclusão e resumi-la da forma mais simples de todas: "**Deus é amor**". Atenção! Não é "Deus é muita coisa, e também é amor"; Nem é "Deus é um Ser fantástico que possui a capacidade de amar", é "**Deus é amor**". Isto é, **Deus não é mais que amor. Não há nada em Deus que não seja amor e não há nada que saia de Deus que não seja amor.**

Portanto o que temos aqui? Deus cria o casal e o casal é a imagem de Deus na medida em que é amor. Porque o amor não se pode centrar em si mesmo. O amor tem necessariamente de estar centrado noutra pessoa e mais, esse amor tem de ser fértil, tem de extravasar essas duas pessoas. A forma mais simples de ver isto é através da família constituída por um homem e uma mulher que se amam e os filhos que são o fruto desse amor.

### **“O que resta do paraíso sobre a terra”**

A história da criação continua e como sabemos o homem e a mulher pecam, desobedecendo a Deus, e com isso criam entre eles e Deus uma barreira de desconfiança. Deixam de viver uma relação de perfeita proximidade e intimidade com Deus e, por isso, deixam de estar na sua presença, o que é representado pela expulsão do paraíso.

Adão e Eva tinham tudo. Tinham os bens da terra de que podiam usufruir sem ter de trabalhar, tinham a presença de Deus, tinham a imortalidade e tinham-se um ao outro.

Mas expulsos do paraíso eles passam a ter de trabalhar para viver, ficam sujeitos à doença e à morte, deixam de estar na presença de Deus. Perdem tudo. Tudo? Não. Tudo não. Continuam a ter-se um ao outro. Nas palavras de um arcebispo ortodoxo: **“o casal é o que resta do paraíso sobre a terra”**.

Podemos, para já, concluir que o casamento pode ser muita coisa, mas é tudo menos uma mera banalidade, uma mera convenção social. Quando nos casamos estamos a ajudar a manter o que resta do paraíso sobre a terra. Já viram a responsabilidade?

A humanidade esqueceu isto durante muito tempo. O casamento ficou reduzido a uma realidade social, uma forma prática e útil de organizar as comunidades, de garantir a educação dos filhos e a estabilidade. E tudo isto é bom, mas é pouco.

O casamento era também isto no tempo de Jesus. Mas Ele, que veio precisamente restaurar a nossa intimidade com Deus, não se satisfaz com pouco e explica-nos que o divórcio só foi permitido ao homem por causa da dureza do seu coração. **“Mas no princípio não era assim”**. Jesus está a elevar a fasquia, de tal forma que até os apóstolos disseram que nesse caso se calhar o melhor era mesmo não casar!

É a essa fasquia que somos chamados a viver no casamento cristão. É um desafio muito difícil, tão difícil que parece impossível aos homens, uma vida inteira de fidelidade e de exclusividade, sem deixar morrer o amor, apesar de todas as tentações, de todos os obstáculos, de todas as dificuldades.

Mas é também um enorme privilégio e uma infinita alegria sentir que estamos, através da nossa vida conjugal, a dar continuidade ao paraíso sobre a terra e, através do nosso amor, a reflectir o amor de Deus para a humanidade, a ensinar os nossos filhos a amar



e a serem amados, preparando-os assim para poderem entrar também numa relação de amor com Deus, porque o amor é uma realidade que se aprende, tal como ler, escrever ou falar. E se não aprendermos o que é o verdadeiro amor (e quantas pessoas infelizmente vivem nessa situação), como vamos compreender e relacionar-nos com um Deus que nada é que não amor?

Isto traz-nos de volta à montanha e ao monge.

### **O meu coração já lá está**

O monge somos nós; sou eu. A montanha é a nossa vocação; é o meu casamento. Todos os dias tenho de ouvir as vozes da tentação e do desânimo. “Quem consegue manter-se fiel?; O amor é bonito ao início, mas depois a paixão morre; Casar ou não casar é indiferente, o que interessa é sermos felizes; Se já não são felizes juntos, mais vale separarem-se; Não vou ter mais do que um filho para lhe poder dar tudo; A montanha é demasiado alta tu és demasiado fraco, nunca lá vais chegar”.

Mas eu vou chegar. Sabem como é que sei? Porque o meu coração já lá está. No dia em que decidi escalar esta montanha, e não outra, pedi a Deus que a colocasse lá por mim e o resto da minha vida não é mais que o esforço para lá chegar.

Isto significa que eu fiz um compromisso comigo mesmo. Sim, o casamento é um compromisso com o outro, com a minha mulher, mas é também um compromisso que fiz comigo mesmo. Eu vou ser fiel. Eu vou ser verdadeiro. Eu vou ser generoso. Eu vou-me dar.

Porque eu vejo tantas pessoas a desistir da sua montanha porque é demasiado difícil e por isso decidem que a sua felicidade, o seu coração, os conduz por outro caminho. Mas o meu coração já está lá em cima, pelo que se eu desistisse jamais seria feliz, jamais estaria em paz, porque viveria para sempre (e quando digo sempre é sempre, no sentido de eternidade. Ou seja, é mesmo muito sempre) sem o meu coração.

Outra coisa que aquelas pessoas não percebiam é que o monge não caminhava sozinho. Tinha Deus por companhia, por força e por ânimo. Eu tenho isso e tenho ainda mais. Tenho a minha mulher, os meus filhos e o exemplo de tantos outros casais que me empurram, que me puxam, sempre rumo ao cume.

E ao fim de 10 anos de casamento, cumpridos este ano, percebi já pelo menos uma coisa. É que como tanto na vida, a montanha só assusta se pensarmos que para lá chegar dependemos das nossas forças. Graças a Deus eu coloquei o meu coração lá em cima, coloquei-o em Deus e Ele é a minha força. E isso é muito bom.

## PONTOS DE DISCUSSÃO

1. Em equipa vale a pena saber e discutir qual é a realidade familiar de cada um. Há membros que têm os pais separados? Que tenham irmãos mais velhos já casados e divorciados? A realidade com que crescemos pode afectar a nossa visão destas coisas. É natural que alguém cujos pais se separaram encare com mais facilidade a possibilidade de se separar quando o casamento se tornar difícil. Mas por outro lado, também terá certamente melhor noção do sofrimento que isso causa e talvez isso dê força para ultrapassar as dificuldades. Quando os nossos pais não são um modelo a seguir neste campo, convém lembrar que eles não são o único casal sobre a terra. Há outros em quem podemos fixar os olhos e ter como referência.

2. O namoro e o casamento não são iguais. Mas ainda assim há virtudes que são importantes para o casamento e que devemos começar a trabalhar já nos nossos namoros. Temos noção da importância da fidelidade e de como a infidelidade fere a relação de confiança que devemos ter com o namorado e depois com o marido ou mulher? Quando o nosso namoro está a passar uma fase difícil o que fazemos? Acabar logo, ou tentar ultrapassar as diferenças? Se o nosso namoro é daqueles em que passamos o tempo a acabar e a recomeçar, como é que será num casamento?

3. Um dos segredos para um bom casamento é saber ter a humildade para confiar os problemas e as dificuldades a Deus. Saber que não temos força nem capacidade para resolver tudo sozinhos. Essa é uma virtude que se treina na vida em geral. Tens o hábito de confiar a Deus as tuas preocupações e dificuldades? Alguma vez o fizeste e ficaste desiludido com o resultado?

4. Por estes dias a Igreja está reunida em sínodo para discutir a realidade da família – que assenta sobre o casamento – e os desafios que se lhe põem. Há alguma coisa que esteja a ser discutida que queiras aprofundar, ou ver explicado melhor, com a ajuda do casal?

## PONTOS DE ORAÇÃO

Ao longo da Bíblia, várias vezes a relação de Deus com o seu povo é descrita como conjugal e Jesus usa muitas vezes a imagem do casamento nas suas parábolas.

### Isaías 62,4-5

"Não serás mais chamada a «Desamparada», nem a tua terra será chamada «Deserta»; Antes serás chamada: «Minha Dialecta», e a tua terra a «Desposada», porque o Senhor elegeu-te como preferida, e a tua terra receberá um esposo. Assim como um jovem se casa com uma jovem, também te desposa aquele que te reconstrói. Assim como a esposa é a alegria do seu marido, assim tu serás a alegria do teu Deus."

## PROPOSTA DE PONTO DE ESFORÇO

Ao longo deste mês propõe-se que rezem com esta ideia em mente. Falem com Deus com a mesma à vontade e confiança com que normalmente falam com os vossos namorados ou namoradas, ou melhores amigos/amigas. Compreendam que as vossas infidelidades para com Deus o ferem como quando um namorado trai a sua namorada.

Podem aproveitar também este mês para rezar de forma especial pelos casais próximos de vocês, sobretudo os recém-casados e alguns que conheçam que possam estar a passar por dificuldades.

## PARA APROFUNDAR

Catecismo da Igreja Católica, 1601-1666

## ORAÇÃO FINAL

Como oração final propõe-se esta passagem do Livro de Rute, da Bíblia, que resume bem como deve ser o amor entre um casal:

“Agora não se diga mais entre nós «deixa-me»,  
e nenhum dos nossos corações se afaste.  
Eu irei para onde fores e da tua morada faço também a minha.  
Os teus irmãos e companheiros hoje recebo como meus,  
o Deus da tua juventude, eu o amo profundamente.  
E quando por fim a morte nos visitar  
quero morrer na terra em que morreres e ser sepultada perto de ti.

O Senhor sabe: A vida me tratará com tristes rigores  
se outra coisa que não amor te esconda de meus olhos  
a graça do teu rosto tão amado.”

Que Deus ajude os casais que conhecemos  
a manter vivo este amor um pelo outro  
e que coloque no nosso coração  
a vontade de amar assim os nossos esposos quando os tivermos,  
se for essa a vocação que Ele deseja para nós.

Ámen.

**PONTO DE ESFORÇO** \_\_\_\_\_

**PRÓXIMA REUNIÃO** \_\_\_\_\_



**“AS VIRTUDES  
TEOLOGAIS”**

NOVEMBRO

## AS VIRTUDES TEOLOGAIS

“A virtude é uma disposição habitual e firme para praticar o bem” (CIC 1803). Em todos os actos o homem comporta-se ou de acordo ou contra o bem e a verdade. Para o seu comportamento ser bom é preciso que 1) *saiba* o que é bom fazer na situação concreta, 2) tenha a *capacidade* de o fazer.

O desejo de ser bom, virtuoso, leva o homem a reconhecer o que é correcto e a pô-lo em prática, ainda que “não lhe apeteça”. A repetição desta atitude faz crescer nele a virtude, permitindo-lhe praticar o bem com facilidade e alegria. As virtudes tornam a pessoa livre e são indispensáveis para alcançar uma vida harmoniosa, realizada e feliz. Exemplos de virtudes são a fortaleza, a sinceridade, a generosidade, a pureza. O contrário da virtude, o vício, consiste num hábito mau criado por repetição de maus actos. Os vícios, como a cobardia, a duplicidade, o egoísmo ou impureza, são a razão pela qual tantas pessoas são infelizes.

As virtudes podem dividir-se em dois grandes grupos: humanas e teologais. As primeiras alcançam-se pela educação, repetição de actos concretos e perseverança no esforço (CIC 1810) e dizem respeito a um plano horizontal; preparam o homem para acolher a acção de Deus. As teologais são dom de Deus, a que é preciso corresponder, e referem-se a um plano vertical, sobrenatural. As virtudes teologais – fé, esperança e caridade – dão ao homem a capacidade de se relacionar com Deus Pai, Filho e Espírito Santo e com as outras pessoas e com o mundo desde uma perspectiva nova, divina.

### Fé

De um ponto de vista humano a fé consiste em conhecer algo através da experiência de outro. São precisas três coisas: 1) que o conteúdo que me é proposto para acreditar seja *razoável*, mesmo que eu não o compreenda totalmente; 2) que a testemunha seja *credível* e 3) que eu *queira* acreditar. A maior parte dos nossos conhecimentos é adquirida deste modo. Se quiséssemos comprovar nós mesmos todas as coisas permaneceríamos uns ignorantes. Nem sequer a capital do Burkina Faso ou a composição química da água conheceríamos (já agora, é Ouagadougou e H<sub>2</sub>O).

No caso da fé teologal (Fé), começo da vida sobrenatural, não me é proposto que acredite apenas em algo, mas em Alguém. Trata-se acima de tudo de uma relação pessoal com Deus, em quem ponho a minha confiança. A testemunha e o conteúdo são o próprio Deus, tudo o que Ele nos disse e revelou e que a santa Igreja nos propõe para acreditarmos e que está resumido no Credo (CIC 1814). Conhecendo um pouco a figura de Jesus nos Evangelhos vemos que é absolutamente digno da nossa confiança.

Então é o que é preciso para ter Fé? Três coisas. A primeira é que Deus toque o nosso interior, atraindo-nos a Si. Isto é uma livre iniciativa de Deus, uma graça. A segunda é que alguém nos anuncie a Boa Nova. A terceira é a nossa livre adesão. Por maior que seja a

credibilidade de Deus e a razoabilidade da verdade que nos oferece, Ele não se impõe. Temos de *querer crer*.

Porque é que tantas pessoas não têm Fé? O problema nunca está do lado de Deus, Ele não falha. Portanto está do lado das pessoas. Há muitas causas mas duas das mais comuns são o não ter recebido formação (por culpa dos pais, por desleixo próprio...) e a resistência a Deus. "Jesus tomou a palavra e disse: «Bendigo-te, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e aos entendidos e as revelaste aos pequeninos» " (Mateus 11: 25). Deus não exige que sejamos "sábios e entendidos" para nos conceder a Fé. Basta-Lhe encontrar em nós um coração sincero e humilde, alguém que procura a verdade e luta por viver uma vida limpa, honrada.

Lembremo-nos que a Fé é uma virtude e que para crescer nela temos de pô-la em prática: viver de acordo com o que acreditamos, isto é, o Evangelho de Jesus Cristo.

## **Esperança**

Humanamente falando, dizemos que uma pessoa tem esperança quando pensa vir a alcançar algo que deseje. Comecei um curso de medicina. Não é fácil, mas avanço e esforço-me porque quero ser médico (desejo) e o acredito que é possível chegar ao fim do curso.

A esperança teologal (Esperança) é semelhante. Permite-nos *desejar* Deus e a vida eterna junto d'Ele, *confiando* que é possível, pois Ele nos garante a ajuda necessária para nos salvarmos.

A Esperança faz que nos movamos com ânimo e segurança através desta vida, mesmo no meio de grandes dificuldades, em direção à vida eterna. É uma confiança profunda que Deus coloca no nosso interior e que nos faz desejá-Lo e lutar por alcançá-Lo. A Esperança manifesta-se na alegria de viver. Esta virtude está relacionada com a Fé, pois esperamos naquilo em que acreditamos: "Ora a fé é garantia das coisas que se esperam e certeza daquelas que não se vêem" (Hebreus 11:1).

Mas atenção, Deus concede este dom a quem põe em prática os meios para alcançar a vida eterna. Um aluno que esperasse acabar o curso de medicina sem estudar seria um insensato. Também o seria o cristão que esperasse a salvação sem se esforçar por corresponder à graça divina. "Esforçai-vos por entrar pela porta estreita, porque Eu vos digo que muitos tentarão entrar sem o conseguir" (Lucas 13:24). Para crescer na virtude da Esperança é preciso rezar, frequentar os sacramentos (especialmente a confissão e a Missa) e lutar por levar uma vida limpa. Deus promete a glória do Céu àqueles que O amam e fazem a Sua vontade (CIC 1821).

## Caridade

Ligando a televisão ou ouvindo as conversas à porta do liceu, constatamos que se faz muita confusão no que toca ao amor. É confundido com paixão, desejo, sentimento ou satisfação, entre outras coisas. Nada disto, mesmo que tenha o seu lugar na nossa vida, se identifica com o amor altíssimo e profundíssimo a que o nosso coração aspira. O verdadeiro amor consiste em querer o bem da pessoa amada desejando a união com ela. É assim que Deus nos ama: quer o nosso bem - o maior bem que é a nossa salvação - e quer unir-Se a cada um de nós. No fim estas duas coisas coincidem, pois o bem do homem é estar unido a Deus.

A finalidade da nossa existência consiste na união a Deus por Jesus Cristo, agora e na eternidade. Foi para isso que Ele nos criou. Foi para isso que Jesus veio à Terra. Foi para isso que começou a Sua Igreja. Estar unido a Deus significa viver a Sua vida íntima, na comunhão do Pai com o Filho e com o Espírito Santo. Esta comunhão é no amor. A Caridade é a virtude teologal pela qual amamos a Deus sobre todas as coisas por Ele mesmo, e ao próximo como a nós mesmos, por amor de Deus (CIC 1822).

Podemos dizer que é a presença de Deus – que é amor, comunhão e entrega de vida – na alma do cristão, que O acolhe e Lhe corresponde. Deus é lindo, perfeito, infinito, todo-poderoso e ama-me desmesuradamente! Acima de tudo e porque é meu Pai, quer que eu esteja junto d'Ele.

O amor de Deus por nós torna-se visível em Jesus. “Ninguém tem mais amor do que quem dá a vida pelos seus amigos” (João 15:13). Faz-nos bem olhar para a Paixão de Jesus, ler lentamente tudo o que Ele passou, todos os sofrimentos físicos e espirituais, a dor e a solidão (recomendo ver ou rever o filme “A Paixão de Cristo”). Jesus sofreu por minha causa, por causa dos meus pecados, porque me ama e quer a *toda* o custo a minha salvação. Quando me dou conta disto, desponta em mim o desejo de O amar com todo o coração, com o mesmo amor com que me ama. É Ele a tocar-me no íntimo.

Antes de continuar é bom esclarecer que Deus não precisa do nosso amor (nós é que precisamos do d'Ele) pois Ele é perfeito e nada do que possamos fazer aumenta o Seu bem e a Sua felicidade. Amar a Deus é um dever e é sobretudo bom para nós.

E em que consiste o amor a Deus? São João responde-nos na primeira carta: “consiste precisamente em que guardemos os seus mandamentos” (1 João 5:3). Ora é a presença em nós do Amor de Deus, que é o Espírito Santo, que nos impele e permite amar a Deus como Ele deve ser amado, vivendo para Lhe agradar, segundo os Seus mandamentos. E se O queremos contentar, temos de fazer tudo por tudo para amarmos as outras pessoas, mesmo que nos ofendam, pois Ele também as ama (1 João 4:7-21).

A Caridade é derramada em nossos corações na oração e nos sacramentos e, de maneira excepcional, ao comungarmos com Fé e Amor o Corpo de Cristo. Porém lembremos que é, como a Fé e a Esperança, uma virtude. E que uma virtude cresce e solidifica-se na medida em que a pomos em prática, em obras concretas.

As virtudes teologais – Fé, Esperança e Caridade – são um dom de Deus para podermos viver a Sua vida. Recebem-se sobretudo nos sacramentos. Não são tesouro para esconder mas para fazer render. O cristão deve viver segundo a Fé, na Esperança e na Caridade.

### **PONTOS DE DISCUSSÃO**

1. Para saber se temos Fé temos de examinar se vivemos segundo o Evangelho: pelo modo como estamos, falamos e actuamos as outras pessoas podem ver claramente que somos cristãos?

2. A Fé precisa de ser alimentada pela formação contínua. Para um universitário não basta a catequese que recebeu até aos 15 anos. Que meios usamos para aprofundar a Fé?

3. A manifestação da Esperança é a alegria e serenidade com que vivemos. Somos pessoas alegres e serenas? O que podemos fazer para crescer na Esperança?

### **PONTOS DE ORAÇÃO**

Durante os próximos dias, ler com calma **1 Coríntios 13**. No silêncio perguntar a Deus aonde é que podemos melhorar na vivência da Caridade?

Fazer pausadamente um sério **exame de consciência**

(exemplo: [http://www.santidad.net/folhetos/exame\\_adultos.pdf](http://www.santidad.net/folhetos/exame_adultos.pdf))

### **PROPOSTA DE PONTO DE ESFORÇO**

Fazer o dia mais agradável a uma pessoa

(Uma pessoa por dia é o mínimo, não há máximo!)

### **PARA APROFUNDAR**

Catecismo da Igreja Católica, 1812-1829 e 1840-1844

Encíclicas Deus Carita Est e Spe Salvi, do Papa Emérito Bento XVI

Encíclica Lumen Fidei, do Papa Francisco



## **ORAÇÃO FINAL**

### **Oração que o Anjo ensinou aos Pastorinhos em Fátima**

*Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos.  
Peço-Vos perdão para os que não creem, não adoram,  
não esperam e não Vos amam (3x).*

**PONTO DE ESFORÇO** \_\_\_\_\_

**PRÓXIMA REUNIÃO** \_\_\_\_\_



**“VOCACÃO UNIVERSAL  
PARA O AMOR”**

DEZEMBRO

## VOCAÇÃO UNIVERSAL PARA O AMOR

O tema deste mês é a “Vocação Universal para o Amor”, e como primeiro aperitivo vamos começar por ver uma passagem do Evangelho: «Constando-lhes que Jesus reduzira os saduceus ao silêncio, os fariseus reuniram-se em grupo. E um deles, que era legista, perguntou-lhe para o embaraçar: “Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?” Jesus disse-lhe: “*Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua mente.* Este é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é semelhante: *Amarás ao teu próximo como a ti mesmo.* Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas.”» (Mt 22, 34-40).

Se calhar parece que falar do amor já não vale muito a pena...é tão óbvio. Quem é que não sabe o que é o amor? É tão intuitivo...para quê gastar um tema a explorar a experiência mais universal do mundo? Contudo, nesta passagem percebemos que Jesus não quer deixar dúvidas de que esta é a grande questão e o centro do que Deus nos quer dizer. Falhar no amor é não perceber nada do que Deus “andou a fazer” durante toda a história da revelação desde Abraão até Jesus de Nazaré. E se voltarmos a olhar para o mundo de hoje, é verdade que o amor está por todo o lado: ligamos a MegaHits e não se canta outra coisa, vamos à televisão e as grandes novelas giram à volta de histórias amorosas, desde os anos 60 que se reclama o “free love”, sabemos por experiência própria que não há experiência mais forte do que o estar apaixonados, amor, amor, amor. Sentimos em nós um desejo de felicidade infinito e de alguma maneira percebemos que encontrar/ satisfazer esse desejo depende de descobrirmos alguém ou de ter experienciado o amor. Mas será que sabemos amar mesmo? Será que não estamos a usar esta palavra para algo que é só mais ou menos amor?

Recuemos uns passos. O que queremos dizer quando falamos de vocação? Provavelmente estamos mais habituados a situar esta palavra ao nível da aptidão natural, das capacidades, das preferências de cada um. Mas não. Vocação antes de mais é um chamamento que Deus faz a cada um pelo nome, é uma missão que Deus me confia. Neste caso estamos a falar de uma vocação que é para todos sem excepção. Ou seja, trata-se de um chamamento a vivermos de acordo com o que fomos criados, e para aquilo que fomos criados. Digamos que para sermos verdadeiramente aquilo que somos, temos de dizer que sim a esse chamamento. Imaginemos um exemplo simples: a vocação de uma torradeira é fazer torradas. Se ela decidir que quer pentear cabelos, é provável que a coisa não corra bem.

Onde é que queremos chegar com isto? Que todos os homens e mulheres, ao serem criados à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1, 27), foram criados à imagem do Amor (cf. 1Jo 4, 8.16), que é o Pai, Filho e o Espírito Santo unidos em comunhão. Tudo em nós, incluindo o nosso corpo e a nossa sexualidade, reflecte esse amor de Deus e chamamos a viver nesse amor. É este o segredo do nosso mistério. Eu sou espelho do amor verdadeiro. Por isso, dizia João Paulo II: «O homem não pode viver sem amor. Ele permanece para

si próprio um ser incompreensível e a sua vida é destituída de sentido, se não lhe for revelado o amor, se ele não se encontra com o amor, se o não experimenta e se o não torna algo seu próprio, se nele não participa vivamente» (*Redemptor Hominis*, 10).

Assim, esta vocação universal tem como que duas faces da mesma moeda. Ela acontece antes de mais quando descobrimos o próprio Deus e nos abrimos à relação com Ele. É esse o verdadeiro significado da fé: aceitarmos que fomos primeiro amados por Deus (cf. 1Jo 4, 19), entregarmo-nos a Ele e entrarmos na Sua Vida que é Amor. Antes de vivermos para chegar às férias, para o emprego, para passarmos naquele exame, para ter experiências intensas, vivemos para descobrir Deus. É para aqui que deveríamos concentrar todas as nossas energias. Até lá nunca vamos estar verdadeiramente satisfeitos. Santo Agostinho dizia assim, referindo-se a Deus: «Criastes-nos para Vós, e o nosso coração não descansa enquanto não repousar em Vós». E também no teatro “A Loja do Ourives”, escrito por Karol Wojtyła (João Paulo II), aparece esta afirmação: «Tu, por exemplo, não podes viver sem amar. Vi-te completamente agitada na rua, à busca de alguém que se interesse por ti, te tome pela mão, te acolha...Quase ouvi a tua alma a chamar desesperadamente pelo amor que te falta... como provar-te que para além de todos os amores que nos enchem a vida, há o Amor?».

O outro lado desta vocação passa precisamente pela experiência do amor humano, que quando é verdadeiro, há-de ser sempre um tocar o próprio Deus. Ensina-nos S.João: «E este é o mandamento que d'Ele recebemos: aquele que ama a Deus, ame também o seu irmão» (1Jo 4, 21). Ok... O mandamento é claro. Mas precisamos de limpar muita confusão que existe à volta desta palavra. Facilmente ao falar de amor ficamo-nos simplesmente pela atracção que experimentamos e que não controlo, mas que tem a força de me levar a fazer as coisas mais incríveis por alguém... Pelo menos enquanto esse sentimento durar. Se não vamos mais longe que isto ficamos simplesmente à porta do amor cristão, o outro corre o risco de ser apenas um objecto para mim e não é possível sequer pensar em compromissos definitivos com alguém. O Papa Francisco numa das suas homilias semanais fez questão de explicar o amor cristão não é o amor das telenovelas e que não se confunde com romântismos (*Homilia 9 Janeiro de 2014*).

Para pôr luz sobre isto tudo vamos apanhar boleia do facto de estarmos no mês do Natal. Que mistério é que celebramos? «O Verbo fez-se carne e habitou entre nós» (Jo 1, 14). Ou seja, o Amor manifestou-se e tomou-se visível numa Pessoa: Jesus de Nazaré. Toda a vida de Jesus é revelação do Amor que é Deus, mas isso acontece de maneira ainda mais visível na cruz, onde Ele oferece toda a Sua vida de um modo definitivo. É de tal modo um excesso que Santo Agostinho conclui que a medida do amor é amar sem medida. Esta revelação do amor com que Jesus ama marcou tanto os primeiros cristãos e evangelistas que passaram a usar, em grego, uma palavra (Agapê), que distinguia este nível de amor de qualquer outro - «Foi com isto que ficámos a conhecer o amor (Agapê): Ele, Jesus deu a sua vida por nós» (1Jo 3, 16). Então, Deus vem à terra (entre muitas outras coisas que poderíamos dizer) para nos mostrar o que é o Amor, para nos ensinar a amar verdadeiramente, para nos

dizer, «amai-vos uns aos outros como eu vos amei» (Jo 13, 34). Mas não é só isso...Jesus enviou sobre nós o Espírito Santo! Nós temos em nós o próprio Amor com que Jesus ama. Melhor era impossível!

Entrar neste patamar do amor de Jesus é entrar num mundo novo, é ganhar um coração novo. Já não se trata de um sentimento bonito, mas de um querer o bem do outro, de um oferecer toda a vida. Trata-se do fazer-se dom em cada momento ao jeito da cruz. Aqui descobrimos que o caminho de felicidade passa por amar os inimigos e rezar pelos que nos perseguem, fazem mal, gozam connosco, não nos aceitam (cf. Mt 5, 44). É possível fazer-me próximo de todas as pessoas, especialmente daquelas que ninguém liga, que não me trazem estatuto social, que têm uma maneira de ser oposta à minha (cf. Lc 10, 25-37). A lógica muda completamente: do estar preocupado comigo e com a minha vida, as atenções concentram-se no bem dos outros: dar, dar, dar. Dar-se a si mesmo! Aqui percebo que a vida só se ganha quando a ofereço por amor, tal como fazem os mártires (cf. Mt 8, 35). Descubro que a felicidade verdadeira experimenta-se no perdoar sempre (cf. Mt 18, 21-22), no namoro casto, no procurar ser o servo de todos sempre (cf. Jo 13, 14), no apagar a minha imagem espetacular (Mc 9, 33-36), no querer um casamento fiel até ao fim, no sacrificar os meus gostos, no ser um padre santo, etc. Esta receita resulta mesmo... Fomos criados para uma vida assim; para um amor que seja mesmo amor.

Para concluirmos, esta vocação universal ao amor, aparece de uma maneira central na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* do Concílio Vaticano II, mas com um nome diferente: Vocação Universal à Santidade - «Todos na Igreja são chamados à santidade» (n. 39). Ou seja, o chamamento a sermos santos é antes de mais o chamamento a vivermos sempre no Amor, qualquer que seja o nosso caminho concreto. Deus entra no nosso coração e aí passa a haver espaço para todos sem excepção. Isso é santidade. Para perceber isto bastará vermos dois exemplos de santidade: S. Teresinha do Menino Jesus que descobriu que a sua vocação na Igreja seria o amor (*História de uma Alma*), e também, a Beata Teresa de Calcutá, que gastou toda a sua vida ao serviço dos mais pobres da Índia para fazer entrar o amor de Jesus nos "buracos sem luz" (*Vem, e Sê a Minha Luz*).

## PONTOS DE DISCUSSÃO

1. De que modo é que o apelo do Papa Francisco para irmos ao encontro das periferias se relaciona com esta vocação para o amor? (cf. *Evangelii Gaudium* 19-24).
2. Como é que este caminho de amor cristão, trazendo sofrimento, pode levar à felicidade verdadeira?
3. Se tudo na vida falhar, basta-me viver do amor que Deus tem por mim?
4. Como é que esta vocação universal para o amor se relaciona com a atracção sexual? Porque é que fomos criados homens e mulheres?
5. Olhando para o modo como Jesus ama, quais as principais receitas para um namoro feliz?

6. Onde é que devo gastar mais energias: em planear o meu futuro ou em aprender a amar à sério?
7. Existem casos onde perdoar é impossível?
8. De que modo é que os sacramentos e a oração são fontes do verdadeiro amor?

### **PONTOS DE ORAÇÃO**

1. Ler a primeira carta de S. João.
2. Ler o capítulo 13 da primeira carta de São Paulo aos Coríntios.
3. Ler as quatro tentações do amor em *O Príncipe e a Lavadeira* do Pe. Nuno Tovar de Lemos.
4. Se me falarem do amor de Deus, isso parece-me uma coisa vaga que não chega aos calcanhares de muitas outras coisas que posso viver? Na minha vida, o que é que é tira espaço ao amor de Deus? Que coisas é que espontaneamente ganham ao amor de Deus na minha lista pessoal de preferências?
5. Onde é que eu sinto que é mais difícil amar à maneira de Jesus? Em que situações? Com que pessoa? Entrega isso tudo a Jesus e a Maria.
6. Perguntar regularmente a Jesus qual o próximo passo concreto para crescer nesta vocação para o amor.
7. Nesta vocação para o amor, ir perguntando a Deus qual é a missão que ele escolheu para mim?
8. Rezar uma dezena diária por uma relação (ou mais) onde precisamos de pôr amor.
9. Que periferias (interiores ou exteriores) tens na tua vida onde o amor de Jesus precisa de chegar?

### **PROPOSTA DE PONTO DE ESFORÇO**

1. Renunciar durante algum tempo a algo que gosto muito para esvaziar o meu coração e conseguir provar melhor o viver para amar a Deus e aos outros. Optando-se por esta proposta é importante atacar por duas frentes: 1) Dar um tempo extra para estar com Deus (silêncio, visitar o sacrário, ler palavra de Deus); 2) Decidir uma área ou uma relação que quer transformar pondo mais amor, como ponto de partida.
2. Aproximar-me de alguém que eu naturalmente jamais me aproximaria.
3. Perdoar alguém que me tenha feito muito mal.

## PARA APROFUNDAR

Concílio Vaticano II, Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (números 39-42)

Encíclica *Deus Caritas Est* de Bento XVI (números 1-18)

Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (números 24, 52-75)

Homilia Papa Francisco (9 de Janeiro de 2014)

*Youcat*, números 1-3, 281, 309, 402-403

Catecismo da Igreja Católica, números 1-3, 459, 1844, 1878, 2083-2094, 2346 e

2608

## ORAÇÃO FINAL

Amo-vos, meu Deus,

e o meu único desejo é

amar-Vos até ao último suspiro da minha vida.

Eu Vos amo, a Vós, meu infinito Deus de amor,

e preferia morrer no Vosso amor

a viver um único instante sem ele.

Eu Vos amo, Senhor,

e a única graça que vos peço

é a de Vos amar eternamente.

Meu Deus,

se a cada instante a minha boca não puder dizer

que Vos amo,

quero que o meu coração o repita

a cada batimento.

Ámen.

Santo Cura d'Ars

PONTO DE ESFORÇO \_\_\_\_\_

PRÓXIMA REUNIÃO \_\_\_\_\_





## **AGRADECIMENTOS**

Muitos contribuíram na construção deste caderno! Fizeram-no por amor e serviço às Equipas de Jovens de Nossa Senhora, onde cada um aprendeu muito, desejando também que cada equipista possa chegar mais perto de Jesus, da Igreja e da sua missão.

Um enorme obrigado ao Padre Valter, Assistente Nacional das Equipas de Jovens de Nossa Senhora, e ao Padre Duarte Andrade e Sousa, Assistente de Lisboa, pela amizade, ajuda e entrega constante que têm demonstrado, e pela ajuda na realização dos temas;

Ao Padre Thomaz Fernandez, ex-Equipista, que através da sua sabedoria e dom da palavra também ajudou na realização dos temas;

À Teresa Pinho, Missionária da Verbum Dei, pela sua ajuda preciosa e por ter aceite o desafio de nos ajudar na realização dos temas;

Aos seminaristas Bernardo Trocado, Miguel Vasconcelos e Tiago Fonseca que, mais uma vez, com a sua simpatia, sabedoria e disponibilidade de sempre, aceitaram o desafio de ajudar na realização dos temas;

Ao Filipe Avillez, ex-Responsável Internacional das Equipas de Jovens de Nossa Senhora, pela sua enorme simpatia e imediata disponibilidade em ajudar na realização dos temas;

Às Equipistas Helena Alarcão e à Filipa Félix Machado, ambas pela óptima ajuda na realização de temas;

À Mafalda Oliveira Martins, autora dos desenhos incríveis relativos a cada um dos temas;

À Binha Barrancos Vieira, pela dedicação na coordenação deste grande projecto;

À Fátima e ao António Carioca, Casal Assistente Nacional, que nos continuam a acompanhar e continuam a ser um grande apoio e exemplo de entrega para todos nós;

Ao Rodolfo Nona, Responsável Nacional, à Leonor Freitas Simões, Responsável pela Partilha, e à Maria Cabral da Câmara, Responsável pela Comunicação, pela preciosa ajuda na construção e revisão deste caderno;

A Nosso Senhor, a quem nos entregamos, pois é Ele que nos faz estar nas Equipas, e a Nossa Senhora, Sua Mãe e Padroeira do nosso Movimento, que nos acompanha sempre!

## NOTAS

## NOTAS

*"Não vos conformeis com este mundo,  
mas transformai-vos,  
renovando a vossa maneira de pensar e julgar,  
para que possais distinguir o que é da vontade de Deus:  
o que é bom, o que lhe é agradável, o que é perfeito."*

(Rm 12, 2)